

# Revista Adventista



## Porque é o santuário tão importante?

CONHEÇA AS LIÇÕES  
QUE O SANTUÁRIO  
TEM PARA NÓS

**14** **DEUS INVISÍVEL, IGREJA VISÍVEL**  
A Igreja chamada para continuar a missão  
de Cristo.

**22** **O CONSOLADOR (PARTE II)**  
O que a Bíblia diz sobre Quem é  
e Qual a Sua função.

**28** **OS ADVENTISTAS E A SUA  
PARTICIPAÇÃO NA ONU**  
A nossa Igreja e o ecumenismo.



**“A ORAÇÃO É ABRIR O  
CORAÇÃO A DEUS COMO  
A UM AMIGO. NÃO QUE  
SEJA NECESSÁRIO PARA  
QUE DEUS SAIBA O QUE  
SOMOS, MAS A FIM DE  
NOS CAPACITAR PARA  
RECEBÊ-L'O. A ORAÇÃO  
NÃO NOS TRAZ DEUS  
DO ALTO ATÉ NÓS, MAS  
ELEVA-NOS ATÉ ELE.”**

ELLEN G. WHITE, *AOS PÉS DE CRISTO*, P. 109,  
ED. P. ATLÂNTICO.



**VIVER MAIS  
A ESPERANÇA**

## "EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

### DIRETOR

António Rodrigues

### Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

### Coordenador Editorial

Paulo Lima

E-mail revista.adventista@pservir.pt

### Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

### Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

### PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

### Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo Tel.: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel.: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda. Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a ISSN 1646-1886

Ilustrações da revista © Adobe Stock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



### EDUCAÇÃO



## 06 Mordomos do Conhecimento

Estamos nós a ser verdadeiramente mordomos do conhecimento que possuímos enquanto povo remanescente, o povo da Palavra?

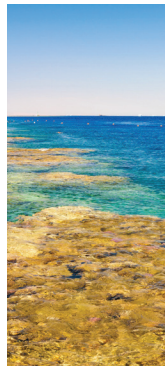
### REFLEXÃO



## 09 Uma verdade maravilhosa e terrível

Senhor, estando em causa o meu destino eterno, porque simplesmente não me obrigaste a fazer a escolha certa?

### INTERPRETANDO AS ESCRITURAS



## 34 Como é que mais de dois milhões de Israelitas atravessaram o Mar Vermelho numa noite?

Argumentos a favor da travessia do Mar Vermelho.

## 04 A IGREJA INVISÍVEL

EDITORIAL

## 05 CALENDÁRIO / BANCO DE LEITURA

## 18 NOTÍCIAS NACIONAIS

## 33 ESPAÇO JUVENIL

## 10 PORQUE É O SANTUÁRIO TÃO IMPORTANTE? > ARTIGO DE FUNDO

Conheça as lições que o santuário tem para nós.

## 14 DEUS INVISÍVEL, IGREJA VISÍVEL > BÍBLIA

Deus é invisível e isso constitui um problema para as pessoas que só acreditam naquilo que veem.

## 22 O CONSOLADOR (PARTE II) > TEOLOGIA

Continuamos a argumentação bíblica a favor da personalidade do Espírito Santo.

## 28 OS ADVENTISTAS E A SUA PARTICIPAÇÃO NA ONU > VIDA CRISTÃ

Todos os serviços e todas as atividades da Igreja procuram promover a vida – e vida em abundância.





# A Igreja invisível

*“Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então haverá um rebanho e um Pastor” (João 10:16).*

Neste primeiro mês do ano, a *Revista Adventista* contém, como sempre, artigos valiosos para o crescimento espiritual de todos os crentes. O artigo “Deus invisível, Igreja visível” trouxe à minha mente a existência de outras ovelhas que convém conduzir para o Bom Pastor. A atual população mundial é de 7,2 mil milhões. Nos próximos 12 anos deverá crescer cerca de um milhão e alcançará a meta dos 9,6 mil milhões em 2050. A Índia deverá tornar-se no maior país do mundo, por volta de 2028, enquanto a população da Europa deverá diminuir em 14%, devido ao baixo índice de natalidade de uma população em rápido envelhecimento. No geral, a expectativa de vida deverá aumentar nos países desenvolvidos e em desenvolvimento ([www.unric.org/pt](http://www.unric.org/pt)). A população Adventista do Sétimo Dia é atualmente de 19 milhões em todo o mundo. No entanto, estima-se a possibilidade de existir atualmente o dobro de interessados na mensagem do Advento, mas que ainda não fazem parte da Igreja visível. Fazem parte da Igreja invisível. Infelizmente existem aqueles que permanecem ainda noutras

congregações religiosas. Vivem vazios, confusos e ansiosos por descobrir a verdade. Outros existem que, não pertencendo a qualquer comunidade religiosa, ouvem a mensagem de esperança sobre a breve vinda de Cristo Jesus através dos meios de comunicação usados pela Igreja Adventista mundial: “E ouvi outra voz do céu, que dizia: Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas” (Apocalipse 18:4). No início deste novo ano, lembremo-nos da importância da ordem de Jesus Cristo: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado” (Marcos 16:15 e 16). Temos uma enorme missão a cumprir, que não podemos deixar para amanhã. A cada minuto entram neste mundo cerca de 180 crianças. Deus quer salvar todas elas. Hoje, aqui e agora, façamos um compromisso com Deus: continuar, pelo poder do Espírito Santo, a semear a Palavra como nunca antes. Apesar das lutas e dificuldades que cada um enfrenta, não podemos anunciar a mensagem dos três anjos apenas

àqueles que já estão dentro. Lembremo-nos de que existe a Igreja invisível, que ainda está do lado de fora. Não podemos imaginar o número de pessoas por esse mundo fora que o Espírito Santo deseja conduzir para a Sua Igreja visível. O ministério de Jesus deve ser também o nosso: levar as boas-novas aos cativos no pecado, com esperança e temor no Senhor nosso Deus.

“A Igreja invisível, também chamada Igreja universal, é composta por todo o povo de Deus no mundo inteiro. Inclui os crentes que estão dentro da Igreja visível [i. e., da Igreja Adventista do Sétimo Dia] e muitos outros que, embora não pertençam a uma Igreja organizada, têm seguido toda a luz que Cristo lhes tem dado (João 1:9). Este último grupo inclui aqueles que nunca tiveram oportunidade de conhecer a verdade acerca de Jesus Cristo, mas responderam ao Espírito Santo e ‘fazem naturalmente as coisas que são da lei de Deus’ (Romanos 2:14).” – *Os Adventistas do Sétimo Dia Creem...*, pp. 139 e 140, ed. P. Atlântico. ✦

**Pr. Antônio Rodrigues**  
presidente da UPASD

## CALENDÁRIO UPASD



### DIAS ESPECIAIS

#### Janeiro

06-08	Ação de Reavivamento
07	Culto Nacional
21	Dia da Liberdade Religiosa
21 e 22	Encontros Regionais de Dirigentes JA

#### Fevereiro

11-18	Semana do Lar e da Família
18	Formação em Comunicação
24-28	Encontro da Geração Adventista em Missão

## COMUNIDADE DE ORAÇÃO



#### Janeiro

02-06	Hospital <i>Waldfriede</i> (EUD)
08-13	Publicadora <i>Vie et Santé</i> (EUD)
23-27	Associação Eslovaca (CSU)
30/01-03/02	Associação Reno Central (SGU)

#### Fevereiro

06-10	Publicadora <i>Saatkorn</i> (GU)
13-17	União Romena (RU)
20-24	Instituto Teológico de Cernica (RU)
27/02-03/03	Associação da Baixa Saxónia (NGU)

## PRESENÇA NOS MEDIA



ANTENA 1 RTP2

### FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

09/01	Segunda-feira
30/01	Segunda-feira
22/02	Quarta-feira

### CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

29/01	Domingo
-------	---------

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.

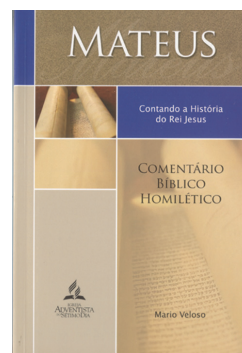


BANCO DE LEITURA

# Mateus – Comentário Bíblico Homilético

Mário Veloso

O Evangelho de Mateus tem sido, desde os tempos da Igreja Apostólica, o Evangelho mais amado pelos Cristãos. Escrito tendo em vista uma comunidade de crentes cristãos judeus, ele apresenta, no entanto, o seu tema de um ponto de vista universalista. Mateus conta a história de Jesus de Nazaré sempre tendo como pano de fundo as profecias messiânicas cumpridas por Cristo. O livro que lhe quero recomendar, caro Leitor, é da autoria de Mário Veloso, reputado teólogo Adventista peruano, sendo um comentário de Mateus. Nesta sua obra, Veloso realiza um comentário detalhado do Evangelho, seguindo as suas grandes articulações estruturais. No entanto, este comentário não é apenas interpretativo. Ele pretende ser, sobretudo, um comentário bíblico homilético. O objetivo de Mário Veloso é não apenas interpretar o texto, mas também fornecer ferramentas para que o Leitor do seu comentário possa construir a partir dele as suas homilias (isto é, os seus sermões). Este comentário está dividido em 28 capítulos e contém 384 páginas. A linguagem utilizada é de simples compreensão, tendo-se evitado o jargão teológico e o aparato erudito. Este livro pode ser muito útil a quem tem a tarefa de pregar à Igreja de Cristo. Nele são dadas ideias interessantes e pistas de leitura pertinentes. No entanto, ele também pode ser lido simplesmente como um comentário explicativo desta ou daquela porção do Evangelho de Mateus. Por exemplo, no capítulo 12 ("Enfrentando Oposição"), Mário Veloso começa por explicar a célebre passagem das espigas arrancadas no dia de Sábado pelos discípulos de Jesus (Mateus 12:1-8), mostrando claramente qual era a questão discutida e qual o sentido da resposta dada por Jesus aos fariseus que O interrogavam. Este é apenas um exemplo entre muitos outros que poderiam ser dados que ilustram a pertinência do comentário ao Evangelho de Mateus escrito por Mário Veloso. Assim, é sem hesitação que recomendo a aquisição deste livro. Ele merece estar na biblioteca privada de todos os Adventistas que têm interesse no estudo da Bíblia Sagrada. ✍



Paulo Lima

Editor da *Revista Adventista*

# Mordomos do Conhecimento

**E**stamos nós a ser verdadeiramente mordomos do conhecimento que possuímos enquanto povo remanescente, o povo da Palavra? Estamos nós a viver e a aplicar esse conhecimento, ou é ele meramente um conhecimento teórico e acadêmico? Como temos nós educado os nossos filhos? Tentando dar resposta a estas questões, ou pelo menos deixar um contributo que sirva de ponto de partida e de reflexão, o presente artigo relacionará os seguintes conceitos marcantes para o nosso Movimento: Mordomia, Conhecimento e Educação.

Talvez o prezado Leitor esteja a interrogar-se do porquê da designação de “mordomos”, da utilização deste conceito neste contexto de educação e de construção e transmissão de conhecimento. Na verdade, estamos formatados para associarmos a mordomia à gestão equilibrada dos nossos bens e do nosso tempo, mas podemos e devemos associá-la

também à gestão dos nossos relacionamentos, da nossa comunicação e do conhecimento que adquirimos e transmitimos. Assim, começa a fazer sentido a pergunta: estamos nós a ser fiéis mordomos na administração do conhecimento transmitido por Deus e na tarefa de educarmos os nossos filhos?

Importa definirmos também este conceito. Conheci-

mento (do latim *cognoscere*, “ato de conhecer”) é o ato ou efeito de conhecer, é ter ideia ou noção de alguma coisa. É o saber, a instrução e a informação. Sim, o conhecimento é a soma de todos os pensamentos, criações e invenções. Existem vários tipos de conhecimento: o sensorial, o intelectual, o popular, o científico, o filosófico, o religioso e o declarativo. Mas, segundo a nossa compreensão bíblica, existe mais um tipo de conhecimento: o conhecimento relacional. O significado bíblico de “conhecer” aponta claramente para um ato relacional, para uma relação, seja esta com o próximo ou com Deus. Neste contexto, é primordial um conhecimento relacional com o divino que se torne evidente no comportamento cristão. Quem conhece Deus está perante um conhecimento muito mais vasto do que o mero conhecimento sensorial, intelectual ou religioso; está, sim, perante um co-

nhecimento que resulta de uma ligação afetiva forte, coerente e duradoura.

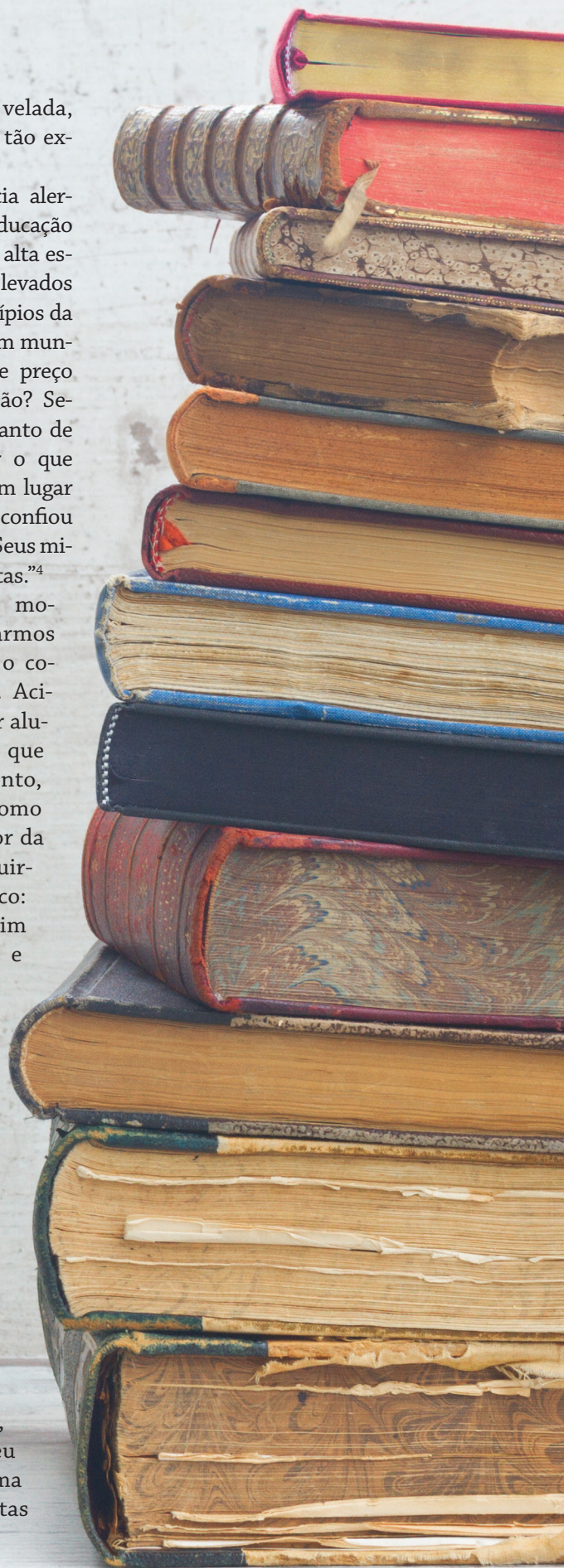
Mas, afinal, qual é a origem do conhecimento? Que fontes de conhecimento existem? E o que fazer com o conhecimento? As Sagradas Escrituras são claras a este propósito: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Provérbios 9:10). De acordo com os escritos proféticos de Ellen G. White: “O conhecimento verdadeiro tem a sua origem na fonte de toda a sabedoria – Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo – e na revelação feita através de Jesus Cristo, das Sagradas Escrituras, da Natureza e da iniciativa divina de colocar no ser humano uma abertura para o transcendente, permitindo-lhe ouvir o chamado de Deus.”<sup>1</sup> Assim sendo, as fontes de conhecimento são a Bíblia, a Natureza e a razão humana. Ellen G. White explica que “O conhecimento da Natureza, o conhecimento de Deus e do Seu amor, as grandes verdades espirituais e a formação do caráter integraram o primeiro currículo planejado por Deus”.<sup>2</sup> Mas, em resultado do Grande Conflito e segundo a cosmovisão teísta, o homem, inicialmente perfeito, por ação do pecado tem assistido à sua degeneração física, cognitiva, espiritual e social. Como ser caído, corrompido, o ser humano apresenta agora um conhecimento finito e limitado. Tal situação, associada ainda à tendência natural de afastamento do Senhor e à ambição humana, tem conduzido os homens ao “conhecimento que lhes trará glória, exaltação própria e supremacia”.<sup>3</sup> Cuidado com esta

postura, tantas vezes velada, mas outras tantas vezes tão explícita e consciente!

O Espírito de Profecia alerta: “Os que procuram a educação que o mundo tem em tão alta estima são gradualmente levados para mais longe dos princípios da verdade, até que se tornam mundanos educados. Por que preço adquiriram a sua educação? Separaram-se do Espírito Santo de Deus. Preferiram aceitar o que o mundo chama saber, em lugar das verdades que Deus confiou aos homens mediante os Seus ministros, apóstolos e profetas.”<sup>4</sup>

É chegado então o momento de nos questionarmos sobre o que fazer com o conhecimento que temos. Acima de tudo, devemos ser alunos “peneiras”, aqueles que peneiram o conhecimento, retendo o essencial, tal como a peneira retém o melhor da farinha. Em suma, seguiremos o conselho bíblico: “Examinem tudo: e assim guardem o que é bom e fujam de tudo o que é mau” (I Tes. 5:21).

Mas, e agora, o que nos diz Deus sobre o conhecimento e como devemos agir? Relembremos o célebre *Shemá* judaico, relatado no capítulo seis de Deuterónimo, e os muitos conselhos e estratégias educativas aqui deixados: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas





palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas” (Deuteronómio 6:4-9).

Deixando o Velho Testamento e procurando no Novo Testamento, muitos textos poderiam ser lembrados, os quais nos ajudariam a perceber o que é o conhecimento e o que Deus espera que façamos com esse conhecimento. Mas há um texto que, pela sua força e projeção futura, nos poderá ajudar a perceber qual deve ser o nosso enfoque, a nossa maior meta: “E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3). Sim, este é o principal dos conhecimentos que podemos possuir e construir em nós próprios e transmitir aos outros: Deus é o nosso Pai, que jamais nos esquece ou abandona, e que enviou o Seu único filho, Jesus Cristo, para nos salvar e nos garantir a Vida Eterna. Que

maior conhecimento ou ensino podemos ter e querer transmitir aos nossos filhos? Não é esta a essência da nossa vida, a chama que aquece o nosso coração? A alegria do nosso testemunho? O motivo para, abnegadamente, servirmos e educarmos?

Eis então algumas conclusões para nossa análise e eventual pesquisa e decisão. Para muitas pessoas o conhecimento é meramente teoria, é um ato intelectual, um ato da razão. Para nós, Adventistas do Sétimo Dia, o conhecimento é, para além disso tudo, prático, experimental e relacional. Para além do “Saber Saber”, importa o “Saber Fazer” e o “Saber Ser”. Deus espera que cada um de nós construa conhecimentos com sabedoria, discernimento, equilíbrio e coerência entre o saber e o fazer, entre o dizer e o ser. Somos, por isso, convidados a ser Mordomos do conhecimento, a saber administrar cuidadosamente o conhecimento que adquirimos, eliminando o que não interessa e retendo o que é fundamental. Enquanto educadores que somos: pais, membros de igreja e profissionais de educação, cabe-nos a nós educar as crianças e

os jovens que Deus nos confia, divulgar-lhes aquilo que conhecemos e sabemos, educá-los para este mundo, mas, sobretudo, para o mundo vindouro, para a Pátria Celestial. Desta forma, é necessário analisarmos as nossas escolhas e as nossas estratégias educativas. Será que neste capítulo da nossa responsabilidade, o conhecimento que possuímos é meramente teórico e nada prático? O que será que nos falta para decidirmos colocar na prática o que possuímos e aceitamos como teoria e como sendo a vontade divina? Que decisões espera Deus que façamos? A realização do culto familiar diário nos nossos lares... o envolvimento dos nossos filhos nas excelentes atividades que os mais diversos Ministérios da Igreja disponibilizam... a matrícula dos nossos filhos numa Escola Adventista? Para sermos bons e fiéis mordomos, temos que conhecer, acreditar, decidir e aplicar.

Que Deus abençoe cada um dos Seus filhos e a Educação Adventista em Portugal e no mundo, e que jamais nos esqueçamos de que o conhecimento pode transformar vidas. E “se algum de vocês tem falta de sabedoria [conhecimento], peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida” (Tiago 1:5). 🌿

---

**Tiago Alves**

Diretor do Departamento de Educação da UPASD

1. *Pedagogia Adventista / Divisão Sul-Americana da IASD*, 2009, p. 36.

2. Ellen G. White, *Educação*, p. 17.

3. Ellen G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 12.

4. *Idem*, p. 16.



# Uma verdade maravilhosa e terrível

**D**urante 34 anos tenho partilhado a minha história, a história de como me tornei num crente nascido de novo em Jesus. O momento climático aconteceu no outono de 1979, faltavam poucas semanas para o meu 24º aniversário. Desejando febrilmente criar algo belo com as palavras, tinha vindo a trabalhar num romance há já dois anos e meio. O romance era o meu deus, razão pela qual o meu verdadeiro Deus, o nosso verdadeiro Deus, o Senhor Jesus, veio até mim e disse textualmente: *Cliff, tens vindo a brincar Comigo há tempo de mais. Se Me queres conhecer, queima o romance.* A palavra central que o Senhor me dirigiu, a palavra sobre a qual oscilava o meu destino eterno, era a simples palavra “se”. Se eu queria conhecer a verdade, se eu queria conhecer Deus, eu tinha de queimar o romance. Não havia outra opção. Ou eu o fazia ou não o fazia.

Ora bem, ao longo das décadas tenho lido argumentos filosóficos sobre compatibilismo, determinismo, determinismo duro, indeterminismo e outras teorias sobre o livre arbítrio. No entanto, ainda que restem muitos mistérios, eu creio no livre arbítrio por duas razões. A primeira é a coerência das Escrituras, que se tor-

na absurda sem a existência do livre arbítrio. A segunda tem a ver com o facto de que, seja o que for que eu saiba sobre aquela noite em que queimei o meu romance, sei que foi verdadeiramente uma escolha minha.

E é isso que me assusta tanto. O meu destino eterno estava pendente da *minha própria escolha*? Já estando a desviar-me para o Oculto, tendo já experimentado a “viagem astral”, se eu não tivesse realizado a livre escolha de queimar o meu romance, ter-me-ia enterrado de tal modo naquele mal que nunca mais teria escapado. Olhando para trás e percebendo quão cheia de consequências foi aquela escolha, tremo, ao pensar: *Senhor, estando em causa o meu destino eterno, porque simplesmente não me obrigaste a fazer a coisa certa?*

Como pode a mais importante decisão da nossa vida ser deixada nas nossas mãos, nós que, devido às nossas limitações, fazemos tão frequentemente a escolha errada? Embora num contexto diferente, Jean-Paul Sartre tinha razão quando escreveu: “O Homem está condenado a ser livre.”

Mesmo tendo passado 34 anos, recordo a esmagadora compreensão de que, durante o meu encontro com o Senhor, eu tinha a liberdade de afastar Deus de mim e continuar no meu cami-

nho como até ali. “Se Me queres conhecer...” O meu destino dependeu daquele “se”, o ponto de apoio sobre o qual um simples pensamento diferente, uma simples inclinação diferente, poderiam ter-me feito oscilar em direção à aniquilação. Que verdade terrivelmente assustadora. No entanto, é a verdade. O governo de Deus está fundado sobre o amor; e o amor – para ser amor – tem de ser livremente dado ou então não é amor. É por isso que, seja no Éden, junto da “árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gén. 2:17) ou seja naquele quarto em Gainesville, Florida, há 34 anos, a liberdade de escolha permanece um princípio fundamental do Universo de Deus. No entanto, este dom sagrado veio com um elevado preço. Paulo escreveu sobre a “graça que nos foi dada em Jesus Cristo, antes dos tempos dos séculos” (II Tim. 1:9), o que significa que, mesmo antes de termos sido criados, o Senhor sabia que o nosso mau uso da liberdade iria enviar Jesus para a Sua morte na cruz. A liberdade é uma verdade maravilhosa e terrível. Maravilhosa, porque apenas com ela pode ser realizado o nosso potencial moral; terrível, porque, uma vez mal usada, trouxe um problema tão grave que apenas a cruz o pôde resolver. Mesmo entre a destruição causada pelo pecado, o livre arbítrio permanece. Cada um de nós escolhe o seu destino eterno. Este pensamento assusta-o? Ótimo! ✨

**Clifford Goldstein**

Editor do Manual de Estudo da Escola Sabatina

# Porque é O SANTUÁRIO tão importante?

**D**eus revelou o santuário a Moisés no Monte Sinai (Êxodo 25:9, 40; 26:30; 27:8; Números 8:4).<sup>1</sup> Números 8:4b diz: “conforme ao modelo [*mar'eh*] que o Senhor [*Iahweh*] mostrou a Moisés [literalmente, “fez ver a Moisés”], assim ele fez o candeeiro.”<sup>2</sup> Esta ação causal é importante, como descobriremos mais adiante.<sup>3</sup>

Deus disse a Moisés: “Atenta, pois, que o faças conforme ao modelo [*tabnit*], que te foi mostrado no monte” (Êxodo 25:40). A palavra hebraica *tabnit* tem uma extensão semântica que vai de “padrão” a

“tipo” e pode indicar os planos de um arquiteto (padrão) ou um modelo em miniatura (tipo). À primeira vista, isto poderia significar que Deus apresentou a Moisés ou um esboço arquitetônico ou um modelo da estrutura.

Uma coisa é certa: da mesma forma que os mandamentos não foram apenas pronunciados, mas foram também escritos em

pedra pelo próprio dedo de Deus (Êxodo 24:12; Deuteronômio 10:1-4), também as instruções para a construção do santuário não foram meramente indicações verbais, mas foram apresentadas a Moisés sob a forma de planos ou de um modelo em miniatura. Lucas registra que o santuário “foi feito como Deus ordenou a Moisés, e de acordo com o modelo que lhe mostrou” (Atos 7:44). Siegfried Wagner nota que “*Iahweh* mostra a Moisés o padrão do santo tabernáculo de Deus e de todo o seu mobiliário (Êxodo 25:9, duas vezes, 40). Aqui, *tabnit* significa 'padrão', 'modelo',<sup>4</sup> um “modelo tridimensional” (Salmo 106:20).<sup>5</sup>

A palavra hebraica *tabnit* (“padrão”, Êxodo 25:40) é vertida na antiga tradução grega (*LXX*) pela palavra *tupon*, que significa “tipo”. F. F. Bruce comenta este facto, dizendo: “A implicação é a de que foi mostrado a Moisés algo como um modelo à escala do santuário que deveria ser construído.”<sup>6</sup> William Lane concorda: “Foi mostrada a Moisés uma espécie de 'modelo' que podia ser reproduzido na Terra.”<sup>7</sup> Richard Davidson faz notar que, se Deus tivesse dado um conjunto de planos a Moisés, esperaríamos que ele os trouxesse consigo, quando desceu da montanha, como indicações para os construtores, mas a Bíblia diz que ele trouxe apenas as duas tábuas de pedra gravadas (Êxodo 32:15 e 16).<sup>8</sup> Isto também exclui a possibilidade de Moisés ter trazido consigo um modelo em miniatura.

Abordemos agora o significado da expressão “fez ver” mencionada atrás. Davidson conclui: “Pareceria mais em consonância com o contexto que foi dada

a Moisés uma visão descritiva de algo construído, mostrando numa viva realidade o aspeto futuro do santuário.”<sup>9</sup> Deus fez ver a Moisés uma visão que era claramente tridimensional e que tinha especificações cuidadosamente indicadas.

### Lugar Santo e Lugar Santíssimo

O santuário terrestre tinha um Lugar Santo e um Lugar Santíssimo (Êxodo 26:33b). Convém notar que os templos de Salomão e de Ezequiel tinham especificações diferentes.<sup>10</sup> Embora as dimensões dos templos fossem maiores do que as do tabernáculo,<sup>11</sup> cada um deles tinha um Lugar Santo e um Lugar Santíssimo: A “Sala exterior” ou “Sala principal” e a “Câmara interior” (I Reis 6:29; Ezequiel 41:1-4). Este plano com duas câmaras está consistentemente presente nestas três estruturas e é a parte mais importante das especificações que Deus deu a Moisés, a David e a Ezequiel, porque estas duas câmaras eram os lugares onde o ministério sacerdotal ocorria após serem feitos os sacrifícios.

O livro de Hebreus fala acerca do tabernáculo original no Céu (Hebreus 8:1-5) e indica que, depois de Cristo ter feito o Seu sacrifício no Calvário, Ele entrou no santuário celeste (Hebreus 1:2) para dar início a um ministério em duas fases. Os dois lugares sagrados<sup>12</sup> têm tudo a ver com o ministério em duas fases exercido por Cristo no santuário do Céu – redimir (primeira e segunda fases) e restaurar (segunda fase). O ministério celestial de Cristo redime os seres

humanos e restaura o Universo, reconduzindo-o àquele que era o seu estado antes do início do Conflito Cósmico.

### A importância do ministério quotidiano de Cristo

O Novo Testamento afirma repetidamente que, na Sua ascensão, Cristo regressou ao Pai e sentou-Se à Sua direita no trono (Marcos 16:19; Atos 2:34; 5:31; Romanos 8:34; Efésios 1:20; Colossenses 3:1; Hebreus 1:3, 13; 8:1; 10:12; 12:2; I Pedro 3:22). A maioria dos Cristãos não compreende a importância do ministério de Cristo em duas fases no santuário celeste. O santuário é o instrumento didático usado durante mais tempo nas Escrituras e revela a missão de Cristo na era cristã.

No grande discurso de Cristo sobre a era cristã e sobre o tempo do fim (Mateus 24 e 25), Ele pede aos leitores para compreenderem a profecia de Daniel sobre a abominação da desolação que “está no lugar santo” (Mateus 24:15). Cristo refere-Se a dois ataques diferentes perpetrados pelo inimigo: primeiro no Seu templo terrestre (Daniel 9:27) e, depois, no Seu santuário celeste (Daniel 11:31; 12:11). O primeiro foi a invasão do exército romano sob Tito em 70 AD, que destruiu o templo de Jerusalém. O segundo é a substituição do ministério de Cristo no santuário celeste pelo ministério sacerdotal Católico Romano na Terra. Abordemos primeiro o ministério quotidiano de Cristo.

Cristo disse: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14:6). Nas Escritu-

ras não há lugar para a intercessão de Maria e dos Santos. É por isso que a Epístola aos Hebreus, como se fosse um quinto Evangelho, tem tanto a dizer sobre a intercessão de Cristo no Céu, posterior à Sua ascensão; Maria ou os Santos nunca são mencionados. O pré-requisito para a intercessão de Cristo no Céu é a Sua morte. “Pelo seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção” (*ta hagia*, Hebreus 9:12; cf. 7:27). Nenhum intercessor humano está qualificado para fazer isto.

Ao contrário dos sacerdotes humanos, Cristo “tem um sacerdócio perpétuo. Portanto, pode também salvar, perfeitamente, os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Porque nos convinha tal sumo-sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os céus” (Hebreus 7:24-26). Cristo prometeu: “Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei” (João 14:14). Paulo afirmou: “O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus” (Filipenses 4:19).

Daniel profetizou sobre o ataque à intercessão celestial de Cristo. O inimigo iria profanar “o santuário” e tirar “o contínuo sacrifício” (Daniel 11:31). A palavra “sacrifício” não existe no texto original. Apenas a palavra “contínuo” (*tamid*) está no original (também em Daniel 8:11; 12:11). A palavra “contínuo” (quotidiano) refere-se a tudo o que Cristo faz cada dia no santuário celeste, desde a Sua inauguração como Rei-Sacerdo-

te (Hebreus 1:3-13; Apocalipse 5:1-14) até ao encerramento do tempo da graça no futuro (Daniel 12:1; Apocalipse 21:6). A ponta pequena que subiu é o sacerdócio Católico Romano (Daniel 7:8), que tirou “o contínuo sacrifício, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra, [...] e lançou a verdade por terra” (Daniel 8:11 e 12).

Cristo estava preocupado com o Seu ministério contínuo e quotidiano, em favor dos Seus seguidores, no santuário do Céu, porque este foi substituído pelo sacerdócio e pela teologia Católica Romana (sobre Maria e os Santos). É por isso que ele quer que os Cristãos estudem o livro de Daniel, para se aperceberem deste plano da salvação falsificado que se intromete entre Cristo e os pecadores – que apenas precisam de Cristo.

### A importância do ministério anual de Cristo

O Dia das Expições (*Yom Kippur*) era um dia de juízo que ocorria perto do final do ano judaico. O antítipo deste dia é anunciado pela mensagem do primeiro anjo: “Temei a Deus e dai-lhe glória, porque vinda é a hora do seu juízo” (Apocalipse 14:7). Isto dirige a nossa atenção para o santuário celeste, e, assim, desvia a nossa atenção do falso ministério sacerdotal existente na Terra. Deus não necessita do juízo, porque Ele é onisciente (Salmos 33:13-15; 56:8; 104:24; 139:2, 6; 147:5; Isaías 44:28; 46:9 e 10; Malaquias 3:16; Mateus 10:29 e 30; Atos 15:8; Romanos 11:33; Efésios 3:10). “O Senhor conhece os que são seus” (II Timóteo 2:19).

Assim, qual é a finalidade do juízo pré-Advento? Não seria necessário este juízo, se não existisse um grande conflito cósmico que coloca Deus em questão. Satanás e os seus anjos foram expulsos do Céu por causa da sua rebelião (Apocalipse 12:7-9). Assim, como podem pecadores, vindos do planeta Terra, ser admitidos no Céu depois do Segundo Advento? Seria isto justo? Como pode ser que outros seres humanos igualmente pecadores não sejam admitidos? É necessário um exame dos seres humanos, de forma que os seres criados espalhados pelo Universo possam compreender que Deus é justo ao decidir quem entra no Céu e quem não entra.

Daniel 7 apresenta uma cena judicial no santuário celeste. “Assentou-se o juízo e abriram-se os livros” (Daniel 7:10b). Note que a investigação ocorre antes do Segundo Advento. Pois, quando o veredito é alcançado, um “Filho do homem” vem “com as nuvens do céu”. Ele não deixa o Céu para participar no Segundo Advento (II Tessalonicenses 4:16-18), mas vem à presença do “Ancião de dias” no Céu (Daniel 7:13 e 14). Assim, o processo do juízo e a emissão do veredito ocorre antes do Segundo Advento.

O veredito é anunciado no contexto de uma guerra que está a ser travada. “E [a ponta pequena] proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e metade de um tempo. [1260 anos, de 538 AD a 1798 AD; cf. Apoca-

lipse 12:6.] Mas o juízo estabelecer-se-á, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer, até ao fim. E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos, debaixo de todo o céu, serão dados ao povo dos santos do Altíssimo” (Daniel 7:25-27a). O veredito do tribunal precede a vinda do reino de Cristo (Apocalipse 11:15; 19:1-3).

A ponta pequena fez guerra contra o povo de Deus por 1260 anos (Apocalipse 12:14), um período em que a Igreja Católica Romana levou a efeito a perseguição de todos os que proclamavam o Evangelho. A Inquisição e a inscrição da Bíblia no *Índice de Livros Proibidos* revelam bem a missão do sistema Católico Romano.

### O processo do juízo

Alguns Cristãos temem o juízo presente porque olham para si mesmos em vez de olharem para Cristo. Num certo sentido, olhar para si mesmo em vez de olhar para Cristo não é melhor do que olhar para um ministério sacerdotal na Terra em vez de olhar para o ministério sacerdotal de Cristo no Céu. Durante o processo do juízo pré-Advento, os seres inteligentes do Universo observam para ver se os indivíduos que estão a ser julgados aceitaram ou rejeitaram a obra salvífica que Jesus empreendeu por eles na cruz.

É precisamente isto, e nada mais do que isto, que determina o destino pessoal dos seres humanos. Deus não nos pede que estejamos preocupados com a nossa perfeição, mas sim que nos preocupemos com a Sua perfeição. É do Seu manto

de justiça que precisamos. Assim, o juízo pré-Advento está centrado em Cristo, e não no homem. Não é tanto o que os indivíduos fizeram ou deixaram de fazer, em si mesmos, que é decisivo (Eclesiastes 12:14; Mateus 12:36 e 37), embora isso esteja incluído. Pelo contrário, o que interessa é saber se eles aceitaram ou rejeitaram o que Cristo fez por eles quando Ele foi julgado, no seu lugar, na cruz (João 12:31). Aqueles que se agarram a Cristo irão para o Céu, aqueles que não o fazem, não irão. Deste modo, Deus prova ser misericordioso e justo, permitindo que a livre escolha humana seja decisiva. É por isso que o juízo ocorre antes do Advento. Assim, o Universo que observa pode ver que o destino dos seres humanos é justo, antes de alguns deles serem levados para o Céu e alguns não o serem, quando ocorrer o Segundo Advento (I Tessalonicenses 4:16-18).

O Dia das Expições continua para além do juízo pré-Advento, abrangendo o juízo milenário e pós-milenário. Nestes três juízos, todos os seres criados, caídos e não caídos, veem que Deus é justo e inclinam-se perante Ele (Isaías 45:23b; Romanos 14:11; Filipenses 2:10 e 11; 15:3; 19:1-6). As duas fases do ministério de Cristo são igualmente parte do Evangelho, porque não pode haver redenção sem a resolução do Grande Conflito. ♣

**Norman R. Gulley**  
Teólogo

1. Segundo Frank B. Holbrook, nestas cinco referências o verbo hebreu “ver” (*ra'ah*) tem

um significado causativo: “fazer ver.” Veja “The Israelite Sanctuary”, in *The Sanctuary and the Atonement: Biblical, Historical and Theological Studies*, Washington, DC: Review and Herald, 1981, p. 4.

2. As citações das Escrituras são da versão Almeida Revista e Corrigida.

3. A palavra hebraica *mar'eh* provém da palavra hebraica *ra'ah*, “ver”. A palavra *mar'eh* tem uma amplitude semântica bastante ampla, que inclui “vista, visão, aparência e beleza” (Robert D. Culver, “*mar'eh*”, in *Theological Wordbook of the Old Testament*, vol. 2, ed. R. Laird Harris, Chicago, IL: Moody Press, 1980, p. 824). Daniel usa esta palavra para se referir a uma visão que lhe foi comunicada enquanto profeta (Daniel 8:16, 26 e 27; 9:23) e é usada em Números para designar um padrão dado ao profeta Moisés (Números 8:4b).

4. Siegfried Wagner, “*banah*”, in *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. 2, eds. G. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren, trad. John T. Willis, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975, p. 179.

5. Holbrook, “The Israelite Sanctuary”, p. 4.

6. F. F. Bruce, *The New International Commentary on the New Testament: Hebrews*, rev. ed., gen. ed. Gordon D. Fee, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990, p. 184, n. 27.

7. William L. Lane, *Word Biblical Commentary: Hebrews 1-8*, Nashville: Thomas Nelson, 1991, vol. 47A, p. 207.

8. Richard M. Davidson, *Typology in Scripture: A Study of Hermeneutical Τύπος Structures*, Berrin Springs, MI: Andrews University Press, 1981, p. 376.

9. *Ibidem*.

10. Na construção do templo de Salomão Deus deu de novo especificações precisas: “E deu David a Salomão, seu filho, o risco [*tabnit*] do alpendre, com as suas casarias, e as suas tesourarias, e os seus cenáculos, e as suas recâmaras de dentro, como, também, da casa do propiciatório. E também o risco [*tabnit*] de tudo quanto tinha no seu ânimo, a saber: dos átrios da casa do Senhor, e de todas as câmaras em redor, para os tesouros da casa de Deus, e para os tesouros das coisas sagradas. [...] Tudo isto, disse David, por escrito me deram a entender, por mandado do Senhor, a saber, todas as obras deste risco [*tabnit*]” (I Crônicas 28:11 e 12, 19; ver vv. 13-18 para outras especificações). A palavra hebraica *tabnit* é usada para o santuário e para o templo, e a visão dada a Ezequiel de um templo que nunca foi construído foi comunicada com grande especificidade (Ezequiel 40:1-42:20).

11. O templo de Salomão e o templo de Ezequiel tinham câmaras adicionais que o rodeavam, mas que não faziam parte da estrutura central (I Reis 6:2-5; Ezequiel 40 e 41).

12. “O Lugar Santo” (Hebreus 9:2b) e o “Lugar Santíssimo” (Hebreus 9:3) são *hagia*, “lugares santos”.



# Deus invisível, Igreja visível

**“N**inguém jamais viu a Deus; O Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou” (João 1:18). Deus é invisível e isso constitui um problema para as pessoas que só acreditam naquilo que veem. Este era um problema para os membros do povo de Israel, pois os seus vizinhos pagãos insultavam-nos, dizendo: “Onde está o vosso Deus?” As imagens dos deuses deles eram visíveis e palpáveis, mas o Deus de Israel era invisível aos olhos humanos. Na época de Cristo, o discípulo Filipe também desejou ver Deus quando disse: “Senhor, mostra-nos o Pai, e isso é suficiente para nós” (João 14:8).

Hoje vivemos numa época em que, para algo ou alguém ser verdadeiro, necessita primeiro de ser provado. A nossa época é marcada pela Tecnologia e pela Ciência, que assentam em evidências, e nas nossas escolas as crianças e os jovens são

ensinados a crerem somente naquilo que pode visto ou experimentado.

Então, como resolveu Deus revelar-Se às pessoas? Na II Guerra mundial, durante o bombardeio de uma certa cidade europeia, uma estátua de Jesus foi seriamente da-

nificada. Quando os moradores encontraram a estátua entre os escombros, eles lamentaram-no profundamente, porque ela tinha sido um símbolo da fé cristã e da presença de Deus na vida daqueles cristãos Católicos. A estátua foi reparada quase na sua totalidade, mas as mãos tinham sido tão danificadas que não puderam ser restauradas. Alguém sugeriu que se contratasse um escultor para fazer novas mãos, mas outros pediram que se deixasse a estátua como estava, como uma lembrança permanente da tragédia da guerra. A estátua permaneceu sem as mãos. Mas o povo da cidade colocou ao pé da estátua de Jesus uma placa com estas palavras: “Vocês são as minhas mãos.”

## A visibilidade de Deus através da Natureza

Encontramos pelo menos quatro maneiras claras de Deus

Se tornar visível à Humanidade. A primeira é através da Natureza. “A Natureza e a Revelação, ambas testificam do amor de Deus. O nosso Pai celeste é a fonte da vida, sabedoria e alegria. Olhem para as coisas maravilhosas e belas da Natureza. Considerem as suas maravilhosas adaptações às necessidades e felicidade, não só dos seres humanos, mas também de todas as criaturas vivas. A luz solar e a chuva, que alegrem e refrescam a terra, os montes, mares e planícies, tudo nos fala do amor do Criador. [...] O mundo, embora caído, não é só tristeza e miséria. Na própria Natureza existem mensagens de esperança e conforto. Há flores sobre os cardos, e os espinhos são cobertos com rosas. ‘Deus é amor’ está escrito sobre cada rebento que desabrocha, sobre cada haste de erva que cresce. Os amorosos passarinhos, enchendo os ares de música com os seus alegres cantos, as delicadas flores, de cores variadas, na sua perfeição perfumam o ar, as

altas árvores da floresta com a sua rica folhagem de verde vivo – todos testificam do cuidado solícito, paternal, do nosso Deus e do Seu desejo de fazer os Seus filhos felizes.” – Ellen G. White, *Aos Pés de Cristo*, pp. 5 e 6, ed. P. Atlântico.

É curioso saber que existiram e existem pessoas que só tiveram contacto com a revelação de Deus através da Natureza e que serão apenas julgadas através do conhecimento e das oportunidades que tiveram. Devemos também lembrar-nos de que as pessoas que viveram antes da Bíblia ser escrita apenas conheceram o livro da Natureza e a tradição oral dos seus antepassados. Assim, elas serão julgadas pela obediência ao conhecimento que tiveram, obtido através daquilo que viram na Natureza e do que ouviram das tradições sobre o Deus Criador, herdadas dos seus pais. Os seguintes textos inspirados mostram-nos a importância da revelação de Deus através da Natureza:

“Há, entre os Gentios, pessoas que servem Deus sem o saberem, a quem a mensagem nunca foi levada por instrumentos humanos; estes não perecerão. Embora ignorem a lei escrita de Deus, ouviram a Sua voz a falar-lhes por meio da Natureza e fizeram aquilo que a lei requeria. As suas obras testificam de que o Espírito Santo tocou o seu coração e são reconhecidos como filhos de Deus.” – Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 546, ed. P. SerVir.

“Todo o mundo natural se destina a ser um intérprete das coisas de Deus. Para Adão e Eva, no seu lar edénico, a Natureza estava repleta do conhecimento de Deus, cheia de instrução divina. Para os seus ouvidos atentos, ela como que ecoava a voz da sabedoria. A sabedoria falava aos olhos, e era recebida no coração; pois eles entretinham comunhão com Deus por meio das Suas obras criadas.” – Ellen G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 186.



“Depois da Bíblia, a Natureza deve ser o nosso maior livro de estudo.” – Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 6, p. 185.

“Para a criança, ainda incapaz de aprender pela página impressa ou de tomar parte nos trabalhos de uma sala de aulas, a Natureza apresenta uma fonte infalível de instrução e deleite. O coração que ainda não se acha endurecido pelo contacto com o mal está pronto a reconhecer aquela Presença que penetra todas as coisas criadas. O ouvido, ainda não ensurdecido pelo clamor do mundo, é atento à Voz que fala pelas manifestações da Natureza. E para os de mais idade, que necessitam continuamente dessa silenciosa lembrança das coisas espirituais e eternas, as lições tiradas da Natureza não serão uma fonte inferior de prazer e instrução.” – Ellen G. White, *Educação*, p. 100.

### A visibilidade de Deus através da Bíblia

A segunda maneira de Deus Se tornar visível à Humanidade é através da Bíblia. A Bíblia contém o registo da Criação e da redenção delineado para que todos possam entender o amor de Deus e aceitar o Plano da Salvação. É o que nos dizem os seguintes textos. “Mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (II Pedro 1:21). “Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra” (II Timóteo 3:16 e 17).

O pecado limita a nossa percepção da auto-revelação de Deus manifestada através da Criação,

pois diminui a capacidade humana de interpretar o testemunho de Deus. Portanto, tendo em vista auxiliar as pessoas na compreensão das coisas divinas e eternas, Deus apresentou uma revelação especial sobre Si. Ele decidiu apresentar-Se diante da Humanidade por um meio específico, o qual não deixaria margem para dúvidas sobre o Seu carácter ou sobre o Seu amor pela Humanidade. E Ele fê-lo através das Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos.

### A visibilidade de Deus através de Jesus Cristo

A terceira forma de Deus Se tornar visível à Humanidade é através de Jesus Cristo. Jesus Cristo é a imagem do Deus invisível. Deus revelou-Se, em Pessoa, através de Jesus (João 17:3), bem como através da verdade “segundo é em Jesus” (Efésios 4:21). Veja como o seguinte texto aponta para a revelação de Deus em Cristo: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho” (Hebreus 1:1). O próprio Jesus deu o testemunho de que veio revelar o Pai: “E Jesus clamou, e disse: Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou. E quem me vê a mim, vê aquele que me enviou” (João 12:44 e 45). “Disse-lhe Filipe: Senhor, mostranos o Pai, o que nos basta. Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostranos o Pai?” (João 14:8 e 9).

Um ponto importante a salientar é que, independente-

mente dos meios a partir dos quais as pessoas tiveram conhecimento da mensagem da salvação, elas serão salvas única e exclusivamente por Jesus Cristo: “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4:12).

### A visibilidade de Deus através da Igreja

Por último, a quarta forma de Deus Se tornar visível à Humanidade é através da Igreja. A Igreja de Cristo foi estabelecida no mundo para ser o corpo de Cristo, tendo a responsabilidade de servir as pessoas como Cristo fazia. Lemos em I João 4:12: “Ninguém jamais viu a Deus.” Esta é exatamente a mesma expressão que usámos na introdução deste artigo. Mas, em vez de prosseguir, referindo-se ao Filho de Deus, o texto declara: “Se nos amamos uns aos outros, Deus permanece em nós.” Por outras palavras, o Deus invisível, aquele que Se tornou visível em Cristo, agora torna-Se visível nos Cristãos, quando eles se amam uns aos outros. Esta é uma afirmação impressionante!

A igreja local tem a responsabilidade de evangelizar, mas antes disso deve ser conhecida como a comunidade do amor. As pessoas esperam de nós uma vida exemplar em Cristo e temos a responsabilidade de revelar Jesus às pessoas. Os seguintes textos bíblicos chamam-nos à responsabilidade. Devemos ser a carta de Deus: “Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós, e





escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração” (II Coríntios 3:2 e 3). Devemos ser o perfume de Cristo. “Porque para Deus somos o bom perfume de Cristo, nos que se salvam e nos que se perdem. Para estes certamente cheiro de morte para morte; mas para aqueles cheiro de vida para vida” (II Coríntios 2:15 e 16).

O que dizem as pessoas acerca de nós e que influência exercemos na sociedade? Vejamos estes dois exemplos, o primeiro sobre o profeta Eliseu e o outro sobre o apóstolo Pedro. “E ela disse a seu marido: Eis que tenho observado que este que sempre passa por nós é um santo homem de Deus” (II Reis 4:9). “De sorte que transportavam os enfermos para as ruas, e os punham em leitos e em camilhas para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles. E até das cidades circunvizinhas concorria muita gente a Jerusalém, conduzindo enfermos e atormentados de espíritos imundos; os quais eram todos curados” (Atos 5:15 e 16).

### Conclusão

Certo homem perguntou a Lutero o que poderia fazer para servir melhor Deus e ser um Cristão melhor. Lutero perguntou: “Qual é o seu ofício?” O homem respondeu: “Eu sou sapateiro.” Lutero então disse-lhe: “Faça bons sapatos, venda-os por um preço justo e você servirá Deus e será um Cristão melhor.”

A pergunta do sapateiro é o tipo de pergunta que todo o verdadeiro Cristão faz. Quem nunca fez a mesma pergunta: “O que devo fazer para servir melhor Deus?” Deus disse que Cristo é a Cabeça da Igreja: “E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência” (Colossenses 1:18). Deus também disse que os crentes verdadeiros, que são humildes, mansos e submissos à Palavra de Deus, são o corpo de Cristo: “Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular” (I Coríntios 12:27). Não existe símbolo mais perfeito no Cristianismo para definir a Igreja do que a imagem da união da cabeça com o corpo. O Leitor já viu cabeças andarem

sozinhas? Já viu corpos andarem sem cabeça? Claro que não! Assim também o Deus invisível tem a Sua Igreja visível na Terra. A principal característica de um corpo é a vida que há nele. Um corpo sem vida não é corpo, é cadáver. Quando nos referimos à Igreja visível, estamos a indicar a sua natureza física. A Igreja visível é conhecida também como sendo a igreja local, onde as pessoas que professam a sua fé em Cristo se reúnem para adorar o Salvador e onde usam os seus dons espirituais para a pregação do Evangelho.

Quando medito na vida que Jesus levou aqui, com frequência imagino-O com as mãos estendidas para curar, abençoar, amar e consolar. Ele esteve disponível para auxiliar as pessoas nas suas necessidades. Jesus amava os humildes e os orgulhosos, os puros e os impuros, e caminhava ao lado deles, ministrando-lhes às necessidades e oferecendo-lhes esperança e salvação. Hoje, a Igreja é chamada para continuar a missão que Cristo iniciou. ✦

**Luís Carlos Fonseca**  
Pastor

## FIM DE SEMANA PCM GLOBAL

**Tiago Alves**

*Diretor do Dep. de Educação da UPASD*

*Presidente da AUA – Associação de Universitários Adventistas (AMICUS/PCM Portugal)*

A Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, através do PCM (*Public Campus Ministries*), promoveu, durante o fim de semana de 14 a 16 de outubro de 2016, o primeiro *Global PCM Weekend*. Jovens universitários Adventistas de todo o mundo estiveram envolvidos em diversas iniciativas de adoração, reflexão espiritual, missão e serviço, tendo inclusivamente a oportunidade de estarem conectados, via *Hope TV*.

Esta iniciativa não pretende ser mais um evento, mas sim o arranque de um processo. O objetivo do *Global PCM Weekend*, que decorrerá anualmente a cada terceiro fim de semana do mês de outubro, é conectar e envolver os jovens universitários Adventistas e profissionais do Ensino Superior em

ações de missão e de serviço no *campus* universitário, na igreja e na comunidade. Simpatizar, envolver e habilitar são as linhas de ação deste movimento e esforço evangelístico que poderá acontecer nas centenas de universidades não Adventistas existentes no mundo e onde estudam milhares de jovens Adventistas.

Também em Portugal, os jovens universitários Adventistas aderiram a este movimento, nomeadamente as duas dezenas de universitários Adventistas que estudam na Universidade da Beira Interior (UBI). O arranque da programação do fim de semana aconteceu no auditório da Biblioteca da UBI, na Covilhã. Começar o dia de Sábado, louvando e adorando Deus, foi uma bênção, acompanhada por uma surpresa muito agradável, a de conhecer e interagir com jovens de outras igrejas Adventistas e mesmo de outros países. A realidade na UBI é desafiadora, pois, para além dos estudantes nacionais, existe um bom número de estudantes

provenientes de Angola, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. O acolhimento, a cumplicidade e o forte desejo de manter uma relação com Deus numa congregação é enorme. Nestes desafios, estes jovens sabem que podem contar com o apoio das igrejas do Fundão e da Guarda, na figura do seu Pastor, dos seus oficiais e dos seus membros de igreja. Também o projeto evangelístico “Jovens por Jesus”, a decorrer neste ano letivo na cidade da Guarda, se mostra disponível e interessado em apoiar estes jovens.

Já no dia de Sábado, na igreja do Fundão, foi levado a cabo todo um programa especial dedicado à Educação, que contou no momento do culto com uma participação musical destes jovens e com uma oração de bênção para o ano letivo que começou. Nesta oração juntaram-se todos os outros alunos e professores dos Ensinos Básico e Secundário presentes. O almoço-convívio foi preparado e oferecido pelos irmãos da igreja e, à tarde, o

grupo de universitários e de irmãos do Fundão e alguns da Guarda assistiram à palestra “Cosmovisão Adventista das Origens”. O debate que se seguiu foi altamente construtivo e todos se sentiram fortalecidos na sua fé e nas suas convicções.

Para nós, foi uma enorme bênção ter participado neste encontro e ter reforçado a ação que este núcleo da AUA – Associação de Universitários Adventistas – está a desenvolver na Covilhã, na Guarda e no Fundão.

Que Deus abençoe grandemente este grupo de jovens universitários, os ajude a manterem-se fiéis a Ele e à Sua Igreja e a assumirem o seu Adventismo e a missão que lhes foi confiada. Oremos por este grupo, pelo acolhimento dos estudantes nacionais e estrangeiros e pelo importante trabalho que as igrejas do Fundão e da Guarda estão a fazer. Em suma, coloquemos em ação aquilo que as Sagradas Escrituras nos desafiam: “Por isso, animem-se e ajudem-se uns aos outros como têm feito até aqui” (1 Tes. 5:11). ✨

## CONSELHO ANUAL DA UPASD

**Ad7/RA**

Decorreu no auditório da Publicadora SerVir, durante os dias 13 e 14 de novembro, o Conselho Anual da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, para a apresentação de relatórios e planificação do próximo ano. Nestes dois dias, a Igreja Adventista em Portugal teve a sua liderança reunida para reflexão e para avaliação dos projetos e pla-

nos apresentados pela Administração, pelos Departamentos e pelas Instituições. Norbert Zens, tesoureiro da EUD, foi o representante da Divisão Inter-Europeia e, ao mesmo tempo, teve a responsabilidade das mensagens de reflexão espiritual. Anualmente são convidados alguns obreiros e membros de igreja que vêm a este Conselho Anual para dar o seu contributo, por meio das suas intervenções, opiniões e sugestões, de

forma a que a Igreja tenha o seu foco na missão e contribua para que mais almas venham ao conhecimento da Verdade. O próximo ano será o ano da realização da *XIX Assembleia Administrativa da UPASD*. Contudo, os

Departamentos e as Instituições apresentaram várias sugestões para serem desenvolvidas, usando o próximo ano sobretudo para o louvor a Deus pelas inúmeras bênçãos recebidas por todos os crentes. ✨





## DISTRIBUIÇÃO DO LIVRO MISSIONÁRIO NA PRISÃO DE AVEIRO

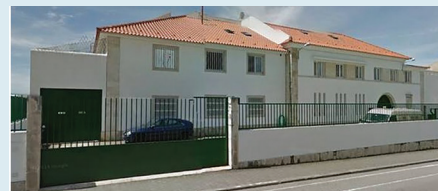
### **Sidónio Lança**

*Pastor das igrejas de Aveiro, Sangalhos e Vila Nova de Monsarros*

No dia 12 de outubro de 2016, o Pastor Sidónio Lança e o irmão Carlos Dias deslocaram-se à prisão de Aveiro para efetuar a entrega de 249 livros missionários *Enfrentar a Dor*. Este livro foi

destinado a todo o universo prisional: reclusos e guardas prisionais. Apesar de ter sido um dia de tempestade, ambos sentiram o poder de Deus na simpática abertura do Diretor da prisão, o Dr. João Paulo Rodrigues Pinto de Sá. Ele próprio os ajudou a descarregar e a transportar os livros. Certamente esta comunidade irá apreciar as palavras animadoras

do Pastor Roberto Badenas. Ficaram em aberto futuras oportunidades de colaboração, como, por exemplo, a realização de uma cantata de Natal. O Pastor Sidónio Lança e o irmão Carlos Dias apelam a que a comunidade de crentes, a nível nacional, ore para que o Espírito Santo possa guiar estas mentes na direção da verdadeira luz, Jesus Cristo. ✨



## SIMPÓSIO DE FAMÍLIAS: “FAMÍLIAS RENOVADAS”

### **Departamento de Comunicação da IASD de Sacavém**

O Ministério da Família da igreja de Sacavém promoveu um simpósio com o tema “Famílias Renovadas”. Este simpósio decorreu entre 16 e 18 de

novembro de 2016 e teve como palestrante o Pr. Enoque Nunes. Com uma participação de 60 inscritos, em duas sessões, foi trabalhado o tema: “Perdoar é uma escolha!” Ficámos a saber que o perdão é a maior prova de amor no casamento. O perdão dá oportunidade ao ou-

tro de ser hoje quem não era ontem. Quem recebe o “dom gratuito” do perdão por meio de Cristo ganha condições para viver em família como perdoado e perdoador: “Sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus

em Cristo vos perdoou” (Efésios 5:32). O encerramento deste simpósio foi precedido de uma cerimónia onde 14 casais renovaram os seus votos matrimoniais, na presença de amigos e familiares. Seguiu-se um jantar em família nas instalações da igreja. ✨

## BATISMOS EM GUIMARÃES

### **Ad7/António Moreira**

*Diretor do Grupo de Guimarães*

No sábado, 19 de novembro de 2016, a igreja de Guimarães viveu um dia muito especial, repleto de bênçãos espirituais. De manhã, o Pastor Paulo Neves dirigiu a igreja numa Santa Ceia, momento de profunda aproximação ao nosso Salvador. De tarde, tivemos o privilégio de assistir ao batismo de um casal, Manuel e Maria do Céu Morais. Este casal conheceu a mensagem da salvação através da irmã Lucinda, membro da igreja do Porto e irmã de Maria do Céu, que, de forma persistente, durante muitos

anos, foi partilhando com eles a sua fé, oferecendo também a nossa valiosa literatura espiritual. O receio da mudança foi adiando a decisão, mas o Espírito Santo não desistiu de conduzir o casal ao caminho, à verdade e à vida (João 14:6). A partir de agosto de 2015, a sua presença passou a ser uma constante nos Sábados e, mais tarde, nas Reuniões de Oração. O interesse em estudar a Palavra de Deus e em conhecer cada vez mais o Salvador foi permitindo que o Espírito Santo resgatasse estes Seus filhos do vazio das tradições para uma vida com esperança. Foi empolgante acompanhar a transformação operada pelo

Senhor na sua vida, vendo que a cada semana estavam mais seguros, confiantes, tranquilos... numa palavra: livres. Assistiram ao seu batismo a família (filhos, genro e neta, bem como a irmã Lucinda, que teve o regozijo de lhes entregar o diploma batismal), amigos convidados e os irmãos das igrejas de Guimarães e de

S. Mateus. Em resposta ao apelo dirigido pelo Pastor Paulo Neves, cinco pessoas manifestaram a decisão de entregar a sua vida a Jesus, preparando-se para o batismo. Louvado seja o Senhor que, pela Sua infinita misericórdia, resgatou estes Seus filhos e permitiu que a igreja vivesse de novo a cerimónia feliz do batismo. ✨



## CERIMÓNIA DE INVESTIDURAS EM COIMBRA

**Carlos Santos**

*Dir. Dep. Com. e Publicações da IASD de Coimbra*

O sábado de 19 de novembro de 2016 foi dedicado ao Clube dos Desbravadores. A Igreja de Coimbra teve o privilégio de receber como convidado especial o Pr. Pedro Esteves. No que à parte da tarde deste santo dia do Senhor diz respeito, registámos uma assistência muito apreciável de irmãos e irmãs, de familiares, de visitas que simpatizam com a Igreja e com a mensagem do Advento, ao ponto de todos os lugares da Sala de Culto estarem, praticamente, ocupados. É muito louvável reconhecer que a igreja de Coimbra tem entre os seus muros uma seara viva de crianças e de jovens que vem aumentando, gradualmente, de ano para ano. E porque foram algumas dezenas os que foram agraciados nesta simbólica cerimónia,

faltar-nos-ia aqui espaço, se indicássemos o nome de cada um dos Desbravadores, desde o mais pequenino Re-bento até ao mais destacado Líder entre os jovens. Como foi bom olharmos para o rosto das crianças de mais tenra idade, e até dos mais crescidos, e vê-los felizes por experimentarem uma honra que só eles compreendiam, ao receberem das mãos dos seus instrutores e educadores espirituais as correspondentes insígnias! Que santo orgulho o de todos os investidos naquele Sábado tão particular para eles, fruto dos conhecimentos que lhes foram ministrados e que demonstraram na prática durante o ano. Todos foram aprovados nos “exames” que lhes foram feitos pelos seus Líderes. O Pr. Pedro Esteves, como Departamental de Jovens da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, não deixou de lhes lembrar nomes e exemplos vivos de jovens cujas vidas ainda falam



nas páginas das Escrituras sagradas. Também nos momentos finais desta Cerimónia de Investiduras foram transmitidos os contributos e requisitos que os Líderes devem inculcar na alma das crianças e dos jovens que lhes são entregues, a fim de os prepararem para a gloriosa Vinda de Jesus. Os seus conselhos foram no sentido de que todos, desde o mais pequeno ao maior, cresçam, espiritualmente, cada dia e sempre, através do es-

tudo da Palavra de Deus e da oração. Deixamos aqui, para memória futura, uma fotografia comemorativa de todos os Desbravadores da igreja junto dos seus dedicados Pastores (José Lagoa e Pedro Esteves), assim como dos seus respetivos Líderes. Oremos sem desfalecimentos para que o Espírito Santo continue a instruir e a guiar a vida de todos os que “amam e esperam pelo nosso Salvador em glória e majestade”. Maranata! 🙏

## BATISMOS EM COIMBRA

**Carlos Santos**

*Dir. Dep. Com. e Publicações da IASD de Coimbra*

De 4 a 10 de outubro de 2016, a Igreja Adventista do Sétimo Dia teve o privilégio de receber em Portugal durante sete dias (de passagem pelo Porto, Canelas, Coimbra, Setúbal, Lisboa-Central e Faro) o Conferencista Pr. Luís Gonçalves. Como evangelista de reconhecido mérito internacional, também desta vez o Espírito Santo lhe concedeu o dom excelente de ca-

ttivar a atenção das Assembleias que o ouviram pela Rádio e o viram em direto pela Internet. Das referidas Conferências, sob o título “Guiados pela Verdade”, resultaram alguns batismos. Na Conferência do dia 6 também a igreja de Coimbra teve duas felizes participações batismais. Uma, a do jovem Samuel David Santos, neto dos nossos queridos irmãos Carlos Alberto (ancião da igreja de Santana-Figueira da Foz) e Maria Alice, sua esposa; a outra, da D. Elsa Margarida Batista Santos. Estas cerimónias

revestiram-se de muita simplicidade, dada a exigente natureza dos horários de transmissão pela Internet, tendo ambas como oficiante o Pr. José Lagoa. Os estudos bíblicos referentes à D. Elsa Margarida Santos foram ministrados pelo irmão Fernando Esteves. Como é hábito no final destes solenes eventos, foram entregues a ambos os participantes os respetivos diplomas de batismo e foram igualmente oferecidos livros e flores a marcarem o decisivo momento da vida destas duas almas, agora conquistadas

para Cristo. Ambas escolheram seguir o caminho proposto por Jesus, confiantes e confortadas pelas Suas divinas palavras deixadas a todos os homens antes de ascender ao Céu (Marcos 16:16). Desejamos aos nossos novos irmãos as maiores bênçãos de Deus para a sua vida e oramos para que permaneçam sempre firmes e fiéis às Suas doutrinas. Que Jesus, bendito Salvador e Senhor, esteja sempre ao leme da embarcação espiritual onde agora lhes foi oferecido navegar rumo à Pátria Celestial. 🙏



## BATISMOS NO MAR DO ALGARVE

**Departamento de Comunicação da IASD de Póvoa de Santa Iria**

No sábado, 28 de agosto de 2016, o Sol declinava no horizonte e os veraneantes deixavam vagarosamente uma das praias de Quarteira, no Algarve. Numa simbiose do Sol da Justiça no coração, vozes de louvor e o dedilhar da viola, a praia foi inundada por um grupo de crentes Adventistas de algumas igrejas do Algarve e de Lisboa. Aque-

le local tornou-se paragem obrigatória para todos os que iam deixando o areal, estupefactos, e que se interrogavam que povo era aquele e que cerimónia estavam a celebrar, à medida que iam tirando fotos com os seus telemóveis ou *smartphones*. Do meio do grupo, três silhuetas de bata branca – Ronaldo, Mónica, Cátia – elevaram-se e dirigiram-se para o mar. Mar de tantas lembranças de infância para Mónica e Cátia, naturais do Algarve, e para Ronal-

do. Esse mar seria o Jordão do seu novo nascimento. O cenário da cerimónia batismal, cujo oficiante foi o pastor Enoque Nunes, estava montado e os neófitos testemunharam diante de amigos, familiares e irmãos de fé o seu novo nascimento em Cristo, ao ritmo da onda que vem e que vai e que se espumava na emoção e no testemunho de fé de cada um. Ouviram-se os hinos: “Pelo mal perdido andei, longe do meu Jesus... Jesus então me viu, e deu-me

a Sua mão.... Nas claras águas deste mar, os meus pecados e as minhas angústias deixarei... A Justiça de Cristo foi-me imputada, e no fundo deste mar os meus pecados foram sepultados, e agora salvo estou. Ó Jesus, seguir-Te quero !...” Ao deixarmos a praia, o ocaso já tinha terminado, a brisa no mar envolvia o grupo numa festa espiritual e num compromisso de fé: “Mesmo que Te neguem todos, eu Te seguirei até àquele dia.” Maranata! ❖

## BATISMOS EM VILA FRANCA DE XIRA

**Departamento de Comunicação da IASD de Vila Franca de Xira**

“Aceito Jesus Cristo como meu Salvador e

Senhor.” Esta foi a frase que fez eco no Céu e na igreja de Vila Franca de Xira, quando a Cristiane e o Alexandro mergulharam nas águas batismais no dia 25 de outubro de

2016. Foi com grande alegria e regozijo que assistimos à entrega destes nossos irmãos. O Senhor continuou a abençoar grandemente este casal, pois, no dia seguinte, contraíram

santo matrimónio perante Deus, os anjos e a congregação de Vila Franca de Xira. Continuamos a orar pelas mais belas bênçãos na vida deste casal e da sua família. ❖

## DESCANSOU NO SENHOR

**Carlos Santos**  
Diretor Dep. Comunicação da igreja de Coimbra

Quando visitámos pela última vez no Hospital Universitário de Coimbra a nossa irmã **Ivone Fidalgo**, faltavam pouco mais de 7 horas para a transição do dia 31 de outubro para o de 1 de novembro de 2016. Na madrugada deste dia, a nossa querida Irmã “descansava das suas obras”, depois de meses de doença que a tinha incapacitado física e mentalmente. Tivemos um particular privilégio, que não esqueceremos tão cedo: o facto de lhe podermos transmitir naqueles momentos finais da sua vida as palavras fiéis e verdadeiras do nosso bendito Senhor e

Salvador Jesus (João 14:1-3). Só Ele sabia que seriam aquelas as últimas palavras inspiradas que eram depositadas naquela hora no seu coração, até que desperte do sono ao som da Sua portentosa voz. A irmã Ivone Fidalgo era “uma mulher de Israel” como eu sempre a via e a cumprimentava algumas vezes. A irmã de “olhos azuis”, como o irmão António de Matos carinhosamente a dava a conhecer entre nós. O seu funeral foi realizado no Complexo Funerário Municipal de Coimbra, em Taveiro, no qual estiveram presentes alguns elementos da família, representada pela sua filha, a nossa irmã Isabel Fidalgo, e pelo neto, Luís David. Ali, igualmente, estivemos irmãs e irmãos das igrejas

de Touregas e de Coimbra (de cujos Livros de Registo fez parte), e muitos outros amigos que, com a sua presença, quiseram prestar-lhe a sua última homenagem de simpatia e de admiração. A cerimónia fúnebre esteve a cargo do Pr. José Lagoa, que, com breves leituras bíblicas alusivas àqueles momentos, desejou atrair o espírito e o coração dos presentes para uma realidade inquestionável: que, depois da morte, a vida do sincero e fiel Cristão “está escondida com Cristo em Deus” (Colossenses 3:3) até que soe o toque da última trombeta, a fim de o despertar para a bem-aventurada eternidade. A assistência, atenta e comovida, ainda teve oportunidade de ouvir ler, através dos irmãos

António de Matos e Gabriela (Gaby) Matos, algumas cartas de recordação e poemas manuscritos pela irmã Ivone Fidalgo, que davam testemunho, que “falavam”, de uma vida cristã plena de espiritualidade e de sensibilidade para com as coisas do Evangelho Eterno que amava. Retratos literários aqueles com que desejava encorajar os corações fervorosos em Cristo, pertença dos que amam e continuam à espera da gloriosa manhã da ressurreição. Todos nós, irmãs e irmãos das igrejas de Touregas e de Coimbra, endereçamos à família da irmã Ivone Fidalgo (num cumprimento de simpatia muito especial à sua filha, a nossa irmã Isabel Fidalgo) as nossas sentidas e profundas condolências cristãs. ❖

PARTE II

# O Consolador

## A PERSONALIDADE DO ESPÍRITO SANTO

**N**o primeiro desta série de artigos começamos por apresentar uma definição de “pessoa” e, depois, mostramos como, segundo as Escrituras, o Espírito Santo é uma Pessoa divina, pois possui os três atributos da personalidade: razão, vontade e sentimento. Vimos também que o Espírito Santo é suscetível de ser sujeito a práticas adversas que podem ser realizadas apenas contra um ser dotado de personalidade, pois as Sagradas Escrituras indicam claramente que se pode mentir ao Espírito Santo e que se pode blasfemar contra Ele.

Neste segundo artigo iremos continuar a nossa argumentação bíblica a favor da personalidade do Espírito Santo e iremos, igualmente, mostrar que Ele é uma

Pessoa claramente distinta de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Assim, pretendemos demonstrar a falta de fundamento bíblico da tese antitrinitariana que vê no

Espírito Santo uma mera força ativa que emana de Deus ou que O identifica erroneamente com o espírito de Jesus Cristo liberto da natureza humana.

### Atos próprios de uma pessoa realizados pelo Espírito Santo

As Escrituras Sagradas atribuem ao Espírito Santo atos que são próprios de uma pessoa, isto é, de um ente intelectual dotado de razão, de vontade e de sentimento. Podemos apresentar cinco textos em que são atribuídos ao Espírito de Deus atos intelectuais próprios de uma pessoa. Outros textos poderiam ser aduzidos, mas julgamos que estes serão suficientes para demonstrar a nossa tese.

O primeiro texto encontra-se em Atos 8:29 (ARA) e diz o seguinte: “Então, disse o *Espírito a Filipe*: Aproxima-te desse carro e acompanha-o.” Note-se que o autor de Atos dos Apóstolos apresenta o Espírito Santo como uma Pessoa que Se dirige a Filipe para o instruir no comportamento a adotar em determinada circunstância. Para que fique bem claro o modo como o Espírito Santo é aqui caracterizado como uma Pessoa capaz de comunicar verbalmente com outras pessoas, devemos fazer notar que, no original grego, o autor usa a expressão *eipen de to pneuma* (“Então, disse o Espírito”). Ora, *eipen* é a conjugação verbal da terceira pessoa do aoristo da voz ativa do verbo grego *legô* que significa “dizer” ou “falar”. Portanto, o autor de Atos dos Apóstolos atribui ao Espírito Santo a capacidade de comunicar. Logo, ele está claramente a atribuir ao Espírito a capacidade de realizar ações pessoais em interação com outros seres dotados de personalidade (neste caso, com Filipe), ações essas que envolvem a posse de razão e de vontade. Poderíamos juntar a este texto outros, como, por exemplo, Atos 10:19, em que o Espírito Santo fala também com Pedro, ou Apocalipse 22:17, em que o Espírito Santo convida o Leitor do Apocalipse a vir tomar posse da salvação. Em todos estes casos, o Espírito Santo é caracterizado como uma Pessoa.<sup>1</sup>

Romanos 8:14-16 (ARA) é outro texto que atribui ao Espírito Santo a realização de atos intelectuais próprios de uma pessoa. Ele diz o seguinte: “Pois todos os que são guiados pelo

Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio *Espírito testifica com o nosso espírito* que somos filhos de Deus.” Esta passagem de Paulo atribui ao Espírito a capacidade de “testificar”. De facto, o texto grego reza *auto to pneuma summarturei*, sendo que *summarturei* é a conjugação do verbo grego *summartureô*, que significa “testificar”, “testemunhar”, “provar que algo é verdadeiro”. Ora, é por de mais evidente que a capacidade de testemunhar é apanágio de um ente intelectual dotado de razão, isto é, de uma pessoa. Logo, Paulo concebe aqui o Espírito Santo como sendo uma Pessoa.<sup>2</sup>

Uma terceira passagem neo-testamentária que atribui ao Espírito Santo a capacidade de realizar atos intelectuais encontra-se em Romanos 8:26 (ARA): “Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste na nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, *mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis*.” Este versículo é, com toda a certeza, a prova mais evidente da personalidade do Espírito Santo apresentada por Paulo na sua Epístola aos Romanos. O apóstolo afirma aqui que o Espírito Santo desempenha a função de intercessor dos crentes quando estes estão em oração. Ele utiliza o verbo grego *huperentunchanô* para caracterizar a ação do Espírito. Este verbo grego significa “interceder”, “suplicar em favor de alguém”. Ora, esta função de intercessor que o Espírito desem-

penha em favor dos crentes só pode ser realizada por um ente pessoal, pois a intercessão nada mais é do que o estabelecimento de uma relação de mediação entre dois entes pessoais (neste caso, o homem e Deus) por um terceiro ente que é, também ele, uma pessoa. Mas Paulo não se limita aqui a atribuir a função de intercessor ao Espírito Santo. Ele também afirma que o Espírito realiza essa intercessão com “gemidos inexprimíveis” (*stenagmois alalêtois*). O facto de que o Espírito intercede por nós com gemidos que não podem ser pronunciados implica, pelo menos, a posse de uma capacidade emocional. Ora, a posse de emoções ou sentimentos é uma das características próprias de uma pessoa. Assim, devemos concluir que, em Romanos 8:26, Paulo caracteriza o Espírito Santo como sendo uma Pessoa.<sup>3</sup>

O texto de Lucas 12:12 (ARA) também nos permite deduzir que o Espírito Santo é uma Pessoa. Esta passagem diz o seguinte: “*Porque o Espírito Santo vos ensinará*, naquela mesma hora, as coisas que deveis dizer.”

**“PORQUE O  
ESPÍRITO SANTO  
VOS ENSINARÁ,  
NAQUELA MESMA  
HORA, AS COISAS  
QUE DEVEIS DIZER.”**

Jesus afirma aqui que os crentes serão ensinados pelo Espírito Santo quando tiverem de comparecer perante as autoridades para darem as razões da sua fé em Cristo. Neste texto o verbo português “ensinar” traduz o verbo grego *didaskô*, que significa “ensinar”, “instruir”, “explicar”. Ora, só um ente dotado de razão está em condições de ensinar algo a alguém e a posse da razão é, como vimos antes, uma das características essenciais que definem a personalidade. Portanto, é evidente que Jesus considera o Espírito Santo como sendo uma Pessoa.<sup>4</sup>

Finalmente, um quinto texto neo-testamentário que confere ao Espírito Santo a capacidade de executar atos intelectuais encontra-se no Evangelho de João 16:7 e 8 (ARC) e diz o seguinte: “Todavia, digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vos-lo-ei. E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo.” Nesta passagem, Jesus comunica aos Seus discípulos uma revelação sobre o Espírito Santo, a Quem Ele chama “o Consolador” (*ho paraklêtos*). Note-se como Cristo atribui ao Espírito de Deus a faculdade de “convencer” o mundo do pecado, da justiça e do juízo. O verbo grego em causa é *elenchô* e significa “convencer”, “condenar”, “reprovar”. O uso deste verbo grego por Cristo implica que o Espírito Santo teria as tarefas de refutar os erros e de indicar as más práticas dos homens. É evidente que só um ente dotado de personalidade possui as faculdades intelectuais

necessárias para poder realizar tais atos. Uma mera força ativa, destituída de razão, não pode convencer alguém seja do que for. Portanto, fica mais uma vez evidente que Jesus considerava o Espírito Santo como sendo uma Pessoa.<sup>5</sup>

### As fórmulas trinitárias e a personalidade do Espírito Santo

As fórmulas trinitárias são uma outra categoria de textos do Novo Testamento que nos permitem perceber que o Espírito Santo é uma Pessoa divina. De facto, nestes textos o Espírito Santo é colocado claramente em pé de igualdade com Deus Pai e Deus Filho. Ora, ninguém duvida de que estes sejam Pessoas. Logo, o Espírito Santo também deverá ser uma Pessoa. Vejamos brevemente cada um destes três textos.

O primeiro deles é certamente o mais conhecido pelos crentes. Trata-se de Mateus 28:19 (ARA). Ele diz o seguinte: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.” Em primeiro lugar, convém deixar bem claro que, ao contrário do que dizem certos antitrinitarianos, não há qualquer problema textual no que toca a esta passagem do Evangelho de Mateus. Se consultarmos o aparato crítico da edição mais autorizada do Novo Testamento grego, verificamos que a passagem de Mateus 28:19 não apresenta qualquer menção a leituras alternativas e muito menos a omissões.<sup>6</sup> Aliás, Bruce Metzger, no seu comentário textual ao Novo Testamento Grego, também não indica qual-

quer variante ou omissão no que toca ao texto de Mateus 28:19.<sup>7</sup> Portanto, podemos concluir que a fórmula batismal presente no texto de Mateus 28:19 estava, sem dúvida alguma, no texto original escrito pelo evangelista Mateus. Em segundo lugar, note-se que a fórmula batismal afirma que o batismo deve ser realizado “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. A expressão grega original que é traduzida por “em nome” é *eis to onoma*. Esta expressão significa que Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo partilham o mesmo nome. Há apenas *um nome* que se aplica aos três entes nomeados. Não nos é dito que os crentes deveriam ser batizados “nos nomes” do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas “no nome” dos três. Isto significa que há uma unidade essencial entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Estes três entes divinos partilham a mesma substância. Portanto, temos aqui uma clara referência ao facto de que Deus é uma unidade de três Pessoas divinas. De facto, é importante lembrar que, para a mentalidade judaica (e Jesus era Judeu), o “nome” conota o modo de ser, os atributos essenciais, do ente que é nomeado por esse nome. Portanto, se Pai, Filho e Espírito Santo partilham o mesmo nome, é porque Eles partilham também a mesma essência ou substância. Assim, ser batizado “no nome” do Pai, do Filho e do Espírito Santo é ser batizado na fé de que há três Pessoas consubstanciais e coeternas em Deus.<sup>8</sup> Em terceiro lugar, devemos concluir que, ao ser citado em pé de igualdade com o Pai e



o Filho e ao partilhar o mesmo “nome” com o Pai e o Filho, o Espírito Santo surge caracterizado como uma Pessoa divina de pleno direito. Ele é uma Pessoa divina, tal como o Pai e o Filho são Pessoas divinas.

A segunda fórmula trinitária encontra-se em II Coríntios 13:13 (ARA) e diz o seguinte: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.” Esta é a única passagem em que surge na íntegra a chamada bênção apostólica, incluindo as três Pessoas da Trindade. Note-se que nesta bênção Paulo cita Jesus Cristo, Deus Pai e o Espírito Santo em igualdade de circunstâncias. Para além de ser uma demonstração de que o apóstolo tinha uma conceção trinitária de Deus, esta bênção também revela que ele considerava o Espírito Santo como uma Pessoa. Primeiro, porque o Espírito Santo é mencionado por Paulo em paridade com Jesus e Deus Pai, o que implica que o apóstolo atribuía aos três o mesmo estatuto ontológico (*i.e.*, o mesmo modo de ser). Aos olhos de Paulo, os três entes por ele

mencionados são Pessoas. Segundo, Paulo, indica que o Espírito é capaz de estabelecer uma “comunhão” com os crentes. A palavra grega utilizada por Paulo é *koinônia*. Ela significa “comunhão”, isto é, a existência de uma relação mútua muito íntima entre pessoas. Portanto, podemos concluir que o apóstolo Paulo concebia o Espírito Santo como sendo uma Pessoa divina, pois apenas uma pessoa é capaz de comunhão com outras pessoas. Uma simples força ativa não pode estabelecer comunhão com ninguém.<sup>9</sup>

A terceira fórmula trinitária surge em I Coríntios 12:4-6 (ARA): “Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos.” Este texto ensina com clareza meridiana que há uma unidade de três Pessoas consubstanciais e coeternas no seio de Deus. Mais uma vez, o apóstolo Paulo coloca em igualdade de circunstâncias o Espírito Santo, o Senhor Jesus e Deus Pai. Isto significa que o Espíri-

to Santo é concebido por Paulo como sendo uma Pessoa divina em pé de igualdade com as outras duas Pessoas divinas por ele citadas. O facto de o Espírito Santo ser mencionado em paridade com o Senhor Jesus e com Deus Pai revela-nos que Ele é, tal como Eles, uma Pessoa divina.<sup>10</sup>

Resta dizer que estes três textos trinitários têm ainda uma última lição para nós. Cada um deles apresenta uma ordem diferente na citação das Pessoas divinas. Mateus 28:19 apresenta em primeiro lugar Deus Pai, II Coríntios 13:13 apresenta em primeiro lugar Deus Filho e I Coríntios 12:4-6 apresenta em primeiro lugar Deus Espírito Santo. Isto significa que não há, no seio da Trindade, uma hierarquia natural. As três Pessoas divinas da Trindade, porque partilham a mesma substância ou essência, são hierarquicamente idênticas. Nenhuma delas é superior às restantes em termos ontológicos (isto é, no que toca ao modo de ser). Assim, o Espírito Santo surge como um ente divino com a mesma dignidade ontológica de Deus Pai e de Deus Filho.



## A distinção ontológica entre Jesus Cristo e o Espírito Santo

Nesta parte final do presente artigo, iremos mostrar que, ao contrário do que creem certos ex-Adventistas antitrinitarianos, o Espírito Santo não pode ser o espírito de Jesus liberto das Suas limitações humanas. Três textos mostram decisivamente que tal tese é indefensável. Senão, vejamos.

O primeiro texto encontra-se em João 14:16 e 17 (ARA) e diz o seguinte: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará *outro Consolador*, a fim de que esteja para sempre convosco, o *Espírito da verdade*, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.” Quando comparamos este texto com João 14:26, fica claro que o Consolador a que Jesus Se refere aqui é o Espírito Santo. Antes de mais, devemos notar que o termo Consolador (*paraklêtos*, em grego) é um termo normalmente usado para se referir uma pessoa que ajuda ou consola outra pessoa. De facto, o significado etimológico da palavra grega *paraklêtos* é “alguém chamado para estar ao lado de outro”. Portanto, temos aqui uma evidência de que o Consolador – isto é, o Espírito Santo – é considerado por Jesus como sendo uma Pessoa. Mas, por que razão Jesus fala de “*outro Consolador*”? Tal deve-se ao facto de Jesus ser, de acordo com a I Epístola de João 2:1, também um Consolador (*paraklêtos*). No entanto, o texto de João 14:16 que citámos atrás deixa bem claro que o Consolador (*paraklêtos*) que viria, seria distinto de

Jesus e viria tomar o Seu lugar. Isto fica claro na medida em que Jesus Se refere ao Consolador vindouro como “*outro Consolador*”. A palavra grega traduzida pelo termo português “outro” é *allos*, que significa “outro (do mesmo género)”. Portanto, o Espírito Santo é um outro Consolador que é semelhante a Jesus, mas que é também distinto d'Ele. Ele é semelhante a Jesus porque é uma Pessoa divina como Ele e é distinto de Jesus porque é uma Pessoa diferente. Os ex-Adventistas antitrinitarianos sustentam que, neste texto, Jesus está a referir-Se a Si próprio como se fosse outra pessoa. No entanto, este argumento só teria força, se Jesus tivesse simplesmente referido “um Consolador”. Mas Ele usa a palavra *allos*, que significa “outro”, para Se referir ao Consolador que virá e essa palavra faz toda a diferença. De facto, é evidente que o uso da palavra “outro” retira a possibilidade de se afirmar que Jesus Se estava a referir a Si mesmo. Na verdade, Cristo estava a referir-Se a “outro” ente divino que viria auxiliar os discípulos. Logo, o “outro Consolador” referido em João 14:16 e 17 não pode ser Jesus.<sup>11</sup>

O segundo texto que devemos ter em consideração encontra-se em Mateus 12:31 e 32 (ARA) e diz o seguinte: “Por isso vos declaro: todo o pecado e blasfémia serão perdoados aos homens; mas a blasfémia contra o Espírito Santo não será perdoada. Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mun-



do nem no porvir.” É manifesto neste texto que Jesus (designado como o Filho do Homem) e o Espírito Santo são duas entidades distintas. Se o Espírito Santo realmente mais não fosse do que o espírito de Jesus desligado da natureza humana, não faria qualquer sentido dizer que a blasfémia contra o Filho do Homem é perdoável, mas que a blasfémia contra o Espírito Santo não é perdoável. Na verdade, se Jesus e o Espírito Santo fossem a mesma Pessoa, então a blasfémia contra um seria tão imperdoável como a blasfémia contra o outro. Mas não é esse o caso aqui apresentado por Jesus. Portanto, devemos concluir que Jesus e o Espírito Santo são duas Pessoas distintas. Logo, o Espírito Santo não pode ser o espírito de Jesus liberto das limitações humanas, como afirmam alguns ex-Adventistas antitrinitarianos.

O terceiro texto que queremos trazer à sua atenção apresenta-se em Lucas 3:21 e 22 (ARA) e diz o seguinte: “E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus; e, estando ele a orar, o céu se abriu, e o *Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba*; e ouviu-se uma voz do céu: Tu és o meu Filho amado,



em ti me comprazo.” Neste texto é descrita uma visão celestial experimentada por Jesus em que o Espírito Santo desce do Céu sobre Ele “em forma corpórea como pomba” (*sômatikô eidei hôs peristeran*, em grego). Não há dúvida de que se tratou de uma visão, pois, à exceção de João Batista (cf. João 1:32-34), apenas Jesus viu a manifestação do Espírito de Deus (Marcos 1:10; Mateus 3:16). O Espírito Santo assumiu na visão dada a Jesus a forma corpórea simbólica de uma pomba de luz, porque a pomba representa nas Sagradas Escrituras a pureza e a mansidão (cf. Cântico dos Cânticos 6:9; Mateus 10:16).<sup>12</sup> Mas, o que nos interessa neste texto não é a forma simbólica assumida pelo Espírito Santo na visão que Jesus teve, mas o facto de tal texto mostrar de modo evidente que o Espírito Santo não pode ser o espírito de Jesus livre das limitações humanas. De facto, Jesus é apresentado como uma entidade que tem uma existência distinta do Espírito Santo. Este revela-se em visão a Jesus como uma entidade distinta. Logo, os textos que relatam o batismo de Jesus mostram claramente que é impossível identificar o Espírito Santo com o espírito de Jesus.<sup>13</sup>

## Conclusão

Neste artigo concluímos a nossa argumentação bíblica a favor da personalidade do Espírito Santo. Procurámos também mostrar que Ele é uma Pessoa claramente distinta de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Assim, julgamos ter demonstrado de modo cabal a falta de fundamento bíblico da tese antitrinitariana que vê no Espírito Santo uma mera força ativa que emana de Deus ou que O identifica erroneamente com o espírito de Jesus Cristo libertado da natureza humana. É certo que há aspetos da natureza do Espírito Santo que são de difícil compreensão para nós, seres humanos finitos e pecadores. De facto, Ellen G. White declarou explicitamente que “a natureza do Espírito Santo é um mistério. Os homens não a podem explicar, porque o Senhor não o revelou”.<sup>14</sup> No entanto, o estudo diligente daquilo que nos foi revelado nas Escrituras sobre o Espírito Santo permite-nos concluir, ao menos, que Ele é uma Pessoa, que, juntamente com o Pai e o Filho, constitui a divina Trindade. ✦

**Paulo Lima**

Editor da *Revista Adventista*

1. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002, p. 72. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, Grand Rapids, Mich.: Zondervan, [s.d.], p. 182.
2. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980, vol. 6, p. 568.
3. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, p. 68. Fernando L. Canale, “Doctrine of God”, in Raoul Dederen (ed.), *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000, p. 130. James Denney, *St. Paul's Epistle to the Romans* (The Expositor's Greek Testament, vol. II), Grand Rapids, Mich.:

Wm. B. Eerdmans, 1951, p. 651. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 6, p. 573.

4. Alexander Balmain Bruce, *The Synoptic Gospels* (The Expositor's Greek Testament, vol. I), Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1951, p. 557.

5. H. R. Reynolds, *The Gospel of St. John* (The Pulpit Commentary, vol. 40), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], vol. II, p. 301. Marcus Dods, *The Gospel of St. John* (The Expositor's Greek Testament, vol. I), Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1951, pp. 834 e 835.

6. Barbara Aland (ed.) et al., *The Greek New Testament*, 4<sup>th</sup> ed. rev., Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1998.

7. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 2<sup>nd</sup> ed., Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2000, pp. 60 e 61.

8. Alexander Balmain Bruce, *The Synoptic Gospels*, p. 340. A. Lukyn Williams & W. J. Deane, *St. Matthew* (The Pulpit Commentary, vol. 34), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], vol. II, p. 645. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, p. 32. Max Hatton, *Understanding the Trinity*, Alma Park Grantham: Autumn House, 2001, p. 103. Paul Petersen, *God in 3 Persons – In the New Testament*, Silver Spring, MD: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 2015, p. 22.

9. F. W. Farrar, *II Corinthians* (The Pulpit Commentary, vol. 45), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], p. 314. J. H. Bernard, *The Second Epistle to the Corinthians* (The Expositor's Greek Testament, vol. II), Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1951, pp. 118 e 119.

10. F. W. Farrar, *I Corinthians* (The Pulpit Commentary, vol. 44), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], p. 397. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980, vol. 6, p. 770.

11. Max Hatton, *Understanding the Trinity*, pp. 112-115. H. R. Reynolds, *The Gospel of St. John*, p. 226.

12. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, Sabugo: Publicadora SerVir, p. 83. Ellen G. White, *The Desire of Ages*, Boise, Ida.: Pacific Press, 1940, p. 112.

13. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 12. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 5, p. 303. Alexander Balmain Bruce, *The Synoptic Gospels*, pp. 86 e 87. H. D. M. Spence, *St. Luke* (The Pulpit Commentary, vol. 37), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], vol. I, p. 69.

14. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, Sabugo: Publicadora SerVir, p. 38. Ellen G. White, *The Acts of the Apostles*, Boise, Ida.: Pacific Press, 1911, p. 52.

# OS ADVENTISTAS E A SUA PARTICIPAÇÃO NA ONU E EM REUNIÕES COM OUTROS CRISTÃOS

**O**s crentes Adventistas do Sétimo Dia enchem-me de perguntas quando descobrem que eu representei a Igreja Adventista nas Nações Unidas e em reuniões de organizações cristãs ecumênicas. “De que modo os Adventistas veem o tema da unidade cristã, as relações interconfessionais e o ecumenismo?”, perguntam eles.

“Por que razão os Adventistas escolhem aceitar e manter apenas o estatuto de observadores e declinam serem membros de organizações cristãs ecumênicas? Por que razão os Adventistas escolhem conviver com outros Cristãos e com não Cristãos, ao mesmo tempo que se abstêm de serem membros de associações cristãs ecumênicas?”

A minha resposta é simples: é legítimo para todas as pessoas de boa vontade uni-

rem-se para salvarem vidas, para protegerem vidas e para afirmarem a importância e a santidade da vida. É até urgente que todas as pessoas cooperem para tornar este mundo num lugar melhor para todos os seres humanos, contribuindo para melhor saúde, educação e trabalho humanitário com toda a dignidade, liberdade, justiça, paz e fraternidade.

Todos os serviços e todas as atividades da Igreja

Adventista do Sétimo Dia procuram promover a vida – e vida em abundância. No cumprimento da missão da Igreja, os Adventistas misturam-se com outras organizações cristãs. No que toca à sua posição no seio de organizações cristãs globais, a Igreja Adventista tem possuído um estatuto de observadora nas reuniões e tem estado aberta a estabelecer parcerias com outras Igrejas em áreas que não comprometem a sua identidade, missão e mensagem. A regra seguida é não ser membro de qualquer associação ecumênica que erradique ou apague a distinguível voz Adventista no que toca à soberania de Deus, nosso Criador, ao Sábado e à Segunda Vinda.

Em princípio, os Adventistas decidem não se envolver em alianças doutrinárias com outras Igrejas por causa da adesão dos



Adventistas a uma abordagem holística e integrada das doutrinas bíblicas e por causa da sua defesa de doutrinas que eles consideram terem sido postas à margem, modificadas ou esquecidas no decurso da história da Igreja Cristã.

Dito isto, “unidade” não é uma palavra má. Os Adventistas valorizam a unidade, tal como Deus o faz. A unidade é fundamentada na existência de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Os Adventistas promovem a unidade por causa da missão, para tornar Cristo conhecido em todos os grupos populacionais, línguas, tribos e nações. Os Cristãos podem também unir-se para tornar o mundo num lugar melhor através da promoção da saúde, da educação, do trabalho humanitário e através da promoção e proteção dos direitos humanos.

Mas os Cristãos têm de manter presente na sua mente que falharão a sua principal vocação, se não se unirem para defenderem e exemplificarem os valores espirituais fundamentados no Evangelho eterno. As virtudes teológicas da fé, da esperança e do amor são de suprema importância no mandato cristão e na dádiva do Cristianismo ao mundo. Estas virtudes podem florescer melhor quando a liberdade religiosa é uma realidade. A liberdade religiosa para os Adventistas é o antídoto para o ecumenismo sincretista e é um chamado para se abraçar a verdade com a inalienável liberdade de consciência, liberdade de religião ou crença, liberdade para expressar publicamente as nossas crenças, liberdade para convidar outros a partilharem as nossas convicções ou para aderirem à nossa comunidade de fé.

### Olhar mais de perto o ecumenismo

Um subtil feixe de tópicos inter-relacionados na arena das relações entre Igrejas e das relações interconfessionais que necessita de muita claridade é a questão da unidade, da unidade visível e do ecumenismo. Outras palavras são, por vezes, trazidas a lume nas conversas, como se significassem a mesma coisa. São elas: “colaboração”, “parceria”, “diálogo entre Igrejas” e “diálogo interconfessional”.

A palavra “ecumenismo” é usada de modo diferente em vários contextos. A palavra pode referir-se à unidade entre as Igrejas Cristãs do mundo, mas as pessoas usam-na habitualmente para descrever, num sentido geral, relações cordiais, diálogo ou parceria num projeto.

Historicamente, os primeiros concílios da Igreja Cristã foram chamados “ecumêni-

cos”, no sentido em que muitas igrejas locais interagiam para definir a ortodoxia. Este não é o sentido que é dado hoje à palavra “ecuménico”. Algumas denominações, como as Igrejas Católica e Ortodoxa, usam-no neste sentido porque acreditam serem os fiadores da ortodoxia. Mas rotular qualquer parceria entre Cristãos como sendo ecumenismo doutrinal pode ser fruto de falta de informação, de educação formal e pode ser até mesmo rebuscado. A honestidade intelectual também é necessária para identificar e avaliar o conteúdo real das relações entre Igrejas.

### Definir a Unidade

O conceito de unidade tem um fundamento bíblico e teológico sólido. A bênção que Deus desejava espalhar através de Abraão e dos seus descendentes era destinada a todas as famílias da Terra. Deus queria que todo o Seu povo experimentasse a unidade doutrinal.

Isto nunca se tornou numa realidade em Israel, o Seu povo da Aliança. A crença na ressurreição dos mortos, por exemplo, não era partilhada por todos os Israelitas. O Novo Testamento refere que os Saduceus não acreditavam na ressurreição dos mortos.

Hoje, a unidade é compreendida de modo diferente entre as várias Igrejas Cristãs. Para os Católicos, por exemplo, a unidade inclui o conceito da comunhão dos santos, incluindo nestes tanto os que estão vivos como os que estão mortos.

Na *Enciclopédia Católica*, a comunhão dos santos é descrita como “a solidariedade espiritual

que une os fiéis na Terra, as almas no purgatório e os santos no Céu na unidade orgânica do mesmo corpo místico sob Cristo, a sua Cabeça. [...] Os participantes nessa solidariedade são chamados santos por causa da sua destinação [o Céu] e porque partilham os frutos da redenção”.

Com este exemplo em mente, percebe-se que a unidade global da Igreja só poderia ser uma realidade, se todos os Cristãos adotassem a mundividência Católica ou se todos os Católicos desistissem das suas profundas crenças. No entanto, há muito que une os Cristãos, a começar pela fundamentação da própria unidade.

A unidade é importante para Deus. Todo o Plano da Salvação demonstra a determinação de Deus em unir a Sua família dividida e dispersa, que Ele criou à Sua imagem. A unidade está fundada no ser de Deus, na Trindade: Uma unidade de três Pessoas.

A morte de Jesus teve como propósito unir as pessoas. Em João 17, Jesus orou pela unidade por causa da missão, de modo que o mundo pudesse crer. O Espírito Santo foi dado para selar a unidade na missão.

### As contribuições Adventistas para a unidade

Os Adventistas unem-se a Deus em tudo o que Deus está a fazer no mundo para o salvar. Deus evangeliza (Gálatas 3:8), nós também. Deus está comprometido em unir todo o mundo sob o senhorio do salvador Jesus Cristo. Nós unimo-nos a Deus para cumprirmos o Seu propósito de exaltar Deus Filho, de modo que o mundo possa ser salvo.

Os Adventistas estão empenhados em apelar a todos os povos para que fixem os seus olhos em Jesus (Hebreus 12:1). Eles recordam a todos os Cristãos aquilo que constitui uma confissão de fé essencial desde os tempos apostólicos e que também está presente no mais antigo credo cristão: a Segunda Vinda de Jesus Cristo.

O princípio que modela as relações dos Adventistas com outros Cristãos tem dois aspetos inseparáveis: a verdade e a liberdade religiosa. Ellen White, co-fundadora da Igreja Adventista, sublinhou isto nos *Atos dos Apóstolos*, ao escrever: “A bandeira da verdade e da liberdade religiosa desfraldada pelos fundadores da Igreja Evangélica e pelas testemunhas de Deus durante os séculos decorridos desde então, foi, neste último conflito, colocada nas nossas mãos. A responsabilidade deste grande dom repousa sobre aqueles a quem Deus abençoou com o conhecimento da Sua Palavra. Temos de receber essa Palavra como a autoridade suprema. Devemos reconhecer o governo humano como uma instituição determinada por Deus, e ensinar que lhe devemos obediência, como um dever sagrado, dentro da sua legítima esfera. Mas, quando as suas exigências se chocam com as reivindicações de Deus, temos de obedecer a Deus e não aos homens” (p. 48, ed. P. SerVir).

De forma ainda mais fundamental, os Adventistas compreendem a sua missão tal como esta está expressa no seu nome, isto é, sublinhar a verdade da Segunda Vinda como sendo a esperança do mundo, para que

este possa finalmente abraçar a libertação da morte e do mal, trazendo justiça e paz. Estas convicções são a razão por que os Adventistas enfatizam a Segunda Vinda como uma mensagem de restauração.

Os Adventistas compreendem que as palavras de Jesus, quando Este chamou aos Seus discípulos “sal” e “luz” (Mateus 5), se aplicam também a eles.

Cada aspeto do contacto Adventista com qualquer instituição, agência ou organização, seja ela eclesiástica ou política, está baseado antes de mais na razão de existir da Igreja: trazer esperança à Humanidade que se encontra embaraçada por todos os tipos de mal. Para cumprir esta missão, os Adventistas partilham os métodos de Jesus. “Só os métodos de Cristo darão verdadeiro êxito ao aproximar-mo-nos do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como

Alguém que desejava o seu bem. Manifestava simpatia por eles, ajudava-os nas suas necessidades e ganhava a sua confiança. Depois ordenava-lhes: ‘Segue-me’” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 94, ed. P. SerVir).

Jesus serviu as pessoas, curou-as e alimentou-as sem pedir contrapartidas. Ele fê-las saber que eram livres de escolher o seu futuro com Ele ou sem Ele. A liberdade de consciência era importante para Ele. Sem tal liberdade, nenhuma aliança é genuína. Isto é assim porque o amor não pode ser forçado.

### Os Adventistas e as relações entre Igrejas

Os Adventistas reconhecem os outros Cristãos como membros genuínos do corpo de Cristo. Mas os Adventistas não são membros formais de qualquer organização ecuménica primeiramente devido a razões ligadas

à liberdade religiosa. Seremos membros de uma instituição ecuménica limitaria a nossa liberdade para partilharmos as nossas convicções com todas as outras pessoas e, assim, punha em risco a nossa missão universal no tempo do fim, tal como os Adventistas a compreendem.

Os Adventistas não fazem parte de organizações ecuménicas que exigem a pertença como membro, mas possuem estatuto de observadores ou de convidados nas suas reuniões.

A parceria com outras denominações cristãs está de acordo com a perspectiva que a Igreja Adventista tem sobre os outros Cristãos. Ellen White, escrevendo sobre temperança, disse o seguinte acerca dos líderes de outras denominações: “Há, noutras Igrejas, Cristãos que estão na defesa dos princípios da temperança. Devemos aproximar-nos desses obreiros,





abrindo caminho para que estejam conosco lado a lado. Devemos convidar grandes homens, homens bons, para apoiarem os nossos esforços em salvar o que se havia perdido” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 6, p. 110).

No que toca à oração, Ellen White disse: “Os nossos pastores devem tentar aproximar-se dos pastores de outras denominações. Orar por esses homens e com eles, por quem Cristo está a fazer intercessão. Pesa sobre eles uma solene responsabilidade. Como mensageiros de Cristo, cumpre-nos manifestar profundo e fervoroso interesse nesses pastores do rebanho” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 6, p. 78).

De acordo com os conselhos expostos, a Conferência Geral, o corpo administrativo mundial da Igreja Adventista, inscreveu na sua *Working Policy* (Política de Trabalho) a declaração de que os líderes da Igreja “reconhecem cada agência que exalta Cristo perante os homens como parte do plano divino para a evangelização do mundo, e ... têm elevada estima pelos homens cristãos e pelas mulheres cristãs de outras comunhões de fé que estão empenhados em ganhar almas para Cristo”.

### Razão para se rejeitar o ecumenismo

A unidade, embora seja algo claramente desejado por Deus, não é o valor supremo. Antes dela está a lealdade à verdade de Deus.

A Igreja Adventista e diversas outras denominações que não aderiram a organizações ecuménicas rejeitam o ecumenismo como doutrina ou como objetivo de unir as Igrejas Cristãs numa Igreja Mundial, levando à perda da distintiva identidade denominacional. Além disso, os Adventistas e outros crentes não aderem às alianças sincretistas que diminuiriam a importância e o peso da verdade, especialmente quando as crenças de algumas Igrejas podem não estar em harmonia com a verdade bíblica revelada.

A principal preocupação dos Adventistas é que eles sejam impedidos de partilhar as suas convicções com toda a gente, independentemente da sua persuasão religiosa ou filosófica. Esta é fundamentalmente uma questão de liberdade religiosa. Os Cristãos não podem pôr em questão o direito à liberdade de religião ou de crença enquanto até mesmo o mundo secular aceitou este valor e este direito humano fundamental.

### Conclusão

Embora considere os outros Cristãos como irmãos e irmãs em Cristo, o princípio que impede a Igreja Adventista mundial de ser membro de uma união organizada de Igrejas como o Conselho Mundial das Igrejas é o princípio da liberdade religiosa. A liberdade religiosa implica o direito ilimitado de partilhar as nossas convicções religiosas e o direito de convidar outros

para se juntarem à nossa tradição cristã sem se ser acusado de proselitismo e sem se ser considerado um proselitista.

Os Adventistas do Sétimo Dia apoiam a unidade cristã ao se juntarem ao Deus trino, que está determinado em reunir as pessoas que Ele criou à Sua imagem. O propósito de todo o Plano da Salvação é a restauração da imagem de Deus e a reunião daqueles que Ele salva. A unidade está fundada em Deus. Foi para esse fim que Jesus Cristo veio à Terra: unir todas as famílias da Terra.

A união doutrinal entre Igrejas Cristãs é ilusória e inalcançável, a menos que as Igrejas percam as suas crenças distintivas e se juntem a uma das tradições eclesiais, seja ela Católica, Ortodoxa, Protestante, Anglicana, Reformada, Evangélica, Pentecostal ou Adventista.

A liberdade religiosa ou a liberdade de crença é um dom não negociável proveniente de Deus, que deveria caracterizar a liberdade de cada pessoa cristã ou de cada comunidade cristã para partilhar as suas convicções com outros e convidar outros para se juntarem à sua tradição cristã. Obviamente, por amor à missão, os Cristãos podem unir-se para testemunharem sobre Cristo junto de um mundo que precisa urgentemente d'Ele. ✨

**Ganoune Diop**

Diretor do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da Conferência Geral



# Procura-se motorista

**C**onta-se a história de um homem que vivia no topo de uma montanha. A estrada que se estendia da sua casa até ao vale era tortuosa e estreita. Num dos lados da estrada não havia barreiras de proteção, apesar do abismo que ficava na sua extremidade. O homem procurou contratar um motorista, tendo-se apresentado na sua casa vários candidatos ao lugar. Ao proceder à entrevista com cada candidato, ele apenas apresentou um pedido: “Conduzame de carro até ao sopé da montanha e veja quão perto do precipício consegue chegar sem cair nele.”

O primeiro candidato aceitou o desafio e conduziu o carro montanha abaixo a quinze centímetros do precipício, demonstrando grande domínio do automóvel. Houve algumas vezes que os pneus chegaram a chiar, mas o

carro permaneceu firmemente na estrada durante toda a descida. O homem que vivia na montanha agradeceu-lhe educadamente e mandou-o embora, dizendo-lhe: “Chamá-lo-ei, se precisar de falar de novo consigo.”

O segundo candidato aceitou também o mesmo desafio e conduziu o carro com audácia a dez centímetros do abismo durante toda a descida da montanha. O motorista partilhou a sua experiência como condutor de carros de corrida e explicou exatamente o comportamento do carro que conduzia. A sua confiança e a sua destreza como condutor eram evidentes, mas ele também foi mandado embora, sendo-lhe dito que seria chamado caso fosse o escolhido.

Quando o terceiro candidato ouviu o desafio que lhe lançava o futuro patrão, deu uma boa vista

de olhos na estrada que descia da montanha e, olhando para o homem, disse-lhe: “Tem a certeza de que quer que eu faça isso?” O homem respondeu: “Sim.” Mas, ao descer a montanha, ele notou que o motorista procurava manter-se a uma distância segura do precipício durante toda a descida. O homem que vivia na montanha pensou que o motorista devia ter compreendido mal as instruções. Quando foi interrogado, o candidato a motorista respondeu: “Eu percebi muito bem as instruções que me deu. Há muitos modos de descer a montanha, eu apenas me limitei a escolher o melhor. Não sou pessoa para testar os meus limites quando tenho sob minha responsabilidade a vida de alguém.” Ele foi contratado. ❖

Retirado da revista *Guide*

# Como é que mais de dois milhões de Israelitas atravessaram o **Mar Vermelho** numa noite?

“**E**ntão Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o Senhor fez retirar o mar por um forte vento oriental, toda aquela noite; e o mar tornou-se em seco, e as águas foram partidas. E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar, em seco: e as águas foram-lhes como muro, à sua direita e à sua esquerda” (Êxodo 14:21 e 22).

As questões levantadas por esta passagem são as seguintes: (1) Como é que aquele grande número de Israelitas com os seus rebanhos poderia estar suficientemente organizado para atravessar o mar rapidamente? (2) Não será que o tempo necessário para esta travessia teria que ser muito maior do que as poucas horas de uma noite, como descreve o texto? E (3) não teriam os carros de guerra egípcios conseguido apañar os lentos Israelitas, que se deslocavam a pé?

**O número dos Israelitas.** Números 1:46; 26:51; e Êxodo 12:37 declaram unanimemente que os Is-

raelitas seriam cerca de 600 000 homens. Com mulheres e crianças, esse número poderia ser estimado como andando à volta de 2 000 000 de pessoas. É verdade que o termo hebreu *'eleph* (“milhar”, em Números 1:21, 23, 25, 27, etc.) pode significar clã ou família em alguns contextos (Juizes 6:15; I Samuel 10:19); no entanto, este sentido não parece ser aquele que figura em Números 1 e 26. Para já, *'eleph* (“milhar”) não é a única designação usada, pois os números adicionais de “centena” e “cinquenta” são usados em conjunção com *'eleph* (e.g., a tribo de Gad contava com

45 650 homens – Números 1:25). Em segundo lugar, em cada caso, os números de todas as tribos são somados e o número resultante soma corretamente mais de 600 000 homens. Finalmente, a oferta de meio *shekel* é requerida de todos os homens e o total soma exatamente metade do número de homens encontrado em Números 1.<sup>1</sup>

## Considerações importantes

Há outras pressuposições que têm que ser examinadas mais de perto. Para já, muitos podem imaginar que os Israelitas eram um grupo desorganizado de homens, mulheres e crianças que estavam a deixar o Egito de um modo algo casual com os seus rebanhos e as suas manadas. Quando a ameaça do exército egípcio se tornou evidente, a desorganização tornar-se-ia ainda mais intensa. Finalmente, alguns assumem que a passagem pelo mar era muito estreita e teria requerido uma travessia em fila indiana, a qual certamente demoraria vários dias. No entanto, estas

pressuposições não têm apoio no relato bíblico.

**A travessia foi um milagre.** Primeiro, devemos recordar-nos de que, em todo o Antigo Testamento, esta travessia é considerada como um evento miraculoso tornado possível pela intervenção de Deus. Ao aproximar-se o exército egípcio, os Israelitas “temeram muito” e “clamaram ao Senhor” (Êxodo 14:10). O Senhor serenou Moisés e o pilar de fogo, com o “Anjo do Senhor”, moveu-se para trás do povo, separando Israel dos Egípcios toda a noite, à medida que o mar se abria e era preparada a travessia. Embora os Egípcios estivessem preparados para agir com rapidez, a nuvem impediu que eles agissem contra Israel. Esta intervenção permitiu aos Israelitas terem o tempo necessário para darem início à travessia. Enquanto os últimos Israelitas atravessavam o mar, a nuvem permaneceu atrás de Israel e seguiu-o para o mar, de modo que os Egípcios também entraram no mar. Foi durante a manhã que “o Senhor, na coluna do fogo e da nuvem, viu o campo dos egípcios: e alvoroçou o campo dos egípcios” (Êxodo 14:24).

**O local da travessia.** A localização da travessia provavelmente não é aquela que atravessa o Golfo de Aqaba para a Arábia Saudita. Estudos recentes mostraram que a travessia terá sido na região do Sinai.<sup>2</sup> Ellen G. White escreveu: “Os Hebreus estavam acampados ao lado do mar, cujas águas apresentavam, diante deles, uma barreira aparentemente intransponível, enquanto, ao Sul, uma áspera montanha impedia o seu avanço” (*Patriarcas e Profe-*

*tas*, p. 245, ed. P. SerVir). Alguns comentadores têm interpretado o nome hebreu *yam suph* como sendo o Mar dos Juncos, e não o Mar Vermelho. Baseados nas evidências lexicográficas e em recentes pesquisas geográficas, os arqueólogos localizaram o local da travessia na região de uma cadeia de lagos, conhecidos pelo nome de Lagos Amargos, no Istmo do Suez. Os níveis da água nestes lagos e no Mar Vermelho teriam sido muito mais elevados nos tempos antigos do que são agora. No entanto, não existem montanhas nesta área. A única localização possível que se ajusta tanto à descrição bíblica como à declaração de Ellen G. White coloca a travessia na ponta norte do Golfo do Suez, onde a montanha *Jebel 'Ataqa* se estende até ao golfo.

**O modo da travessia.** Êxodo 13:18 afirma que Deus conduziu os Israelitas “pelo caminho do deserto, perto do Mar Vermelho; e subiram os filhos de Israel da terra do Egito, armados”. A palavra “armados” indica que este êxodo foi uma marcha organizada em formação militar. O verbo hebraico traduzido por “armados” deriva do número cinco e pode ser traduzido por “e subiram os filhos de Israel em *cinco*”; isto é, o povo foi dividido em cinco grandes divisões. A Bíblia não indica o tamanho destas divisões ou o modo como elas foram organizadas, mas é importante recordar que Moisés, que era um príncipe do Egito e tinha sido destinado a ser o seu próximo rei, tinha treino militar e saberia como organizar um grande grupo em formação militar. É interessante que o mesmo termo é usado em Josué 1:14 e

4:12 para descrever a organização do povo precisamente antes de Israel atravessar o rio Jordão em direção à terra prometida. Esta organização significa que Israel não caminhou desde o Egito e através do mar em fila indiana ou de um modo casual.

A Bíblia também não indica quão ampla era a área de terra seca. Dois milhões de Israelitas, divididos em cinco divisões, poderiam posicionar-se numa formação de 600 pessoas lado a lado, o que daria uma amplitude de menos de oitocentos metros. Assim, cada uma das cinco divisões com cerca de quatrocentas mil pessoas (600 lado a lado e 670 em profundidade) poderia ter ocupado menos de seis quilómetros em comprimento, com mais um quilómetro e meio para os seus rebanhos e as suas manadas. Se a abertura no mar tivesse tido um quilómetro e meio de largura, ela teria permitido um avanço ainda mais amplo. Mesmo assim, dado que o ritmo de caminhada não teria excedido mais de trinta minutos por quilómetro e meio, e dado que a extensão do mar naquele local era de aproximadamente quinze quilómetros, a travessia poderia ter sido realizada em 5 ou 6 horas, isto é, numa noite. ✦

Michael Hasel  
Teólogo

1. Para uma discussão mais detalhada, veja-se John J. Davis, *Biblical Numerology*, Grand Rapids, MI: Baker, 1968, pp. 58-91. A ideia de que houve um grande número de Israelitas a participar no êxodo também é apoiada por Ellen G. White em *Patriarcas e Profetas*, p. 243, ed. P. SerVir.

2. James K. Hoffmeier, *Israel in Egypt: The Evidence for the Authenticity of the Exodus Tradition*, New York, NY: Oxford University Press, 1997, pp. 208 e 209.

PROJETO ESPERANÇA  2017

LANÇAMENTO

7 DE JANEIRO DE 2017

ENTREGA

14, 21 E 28 DE JANEIRO DE 2017

8 DE  
ABRIL  
DE 2017

PARTICIPE NA  
DISTRIBUIÇÃO  
DO LIVRO  
MISSIONÁRIO!



1,40€

ORIGINAL  
"HISTÓRIA  
DA REDENÇÃO",  
DE ELLEN WHITE

Um vislumbre de um tempo em que não haverá mais sofrimento.

